



# CSNU

Conselho de Segurança das Nações Unidas

**TEMA:**

Guerra civil no Sudão e o silenciamento  
de uma crise humanitária.



**VII ONU**  
COLEGIAL

## Sumário

<b>1. Carta de apresentação.....</b>	<b>3</b>
<b>2. Sobre a simulação.....</b>	<b>5</b>
<b>3. Sobre a ONU.....</b>	<b>7</b>
<b>4. Sobre o comitê.....</b>	<b>10</b>
<b>5. Conceitos e Termos.....</b>	<b>13</b>
<b>6. Histórico do tema.....</b>	<b>26</b>
<b>7. Definição do problema.....</b>	<b>38</b>
<b>8. Posicionamento do jornal.....</b>	<b>41</b>
<b>9. Panorama dos países.....</b>	<b>42</b>
<b>10. Considerações Finais.....</b>	<b>67</b>
<b>11. Referências.....</b>	<b>68</b>

## **1. Carta de apresentação**

Prezados delegados e delegadas,

É com enorme satisfação e prazer que os recebemos no Conselho de Segurança das Nações Unidas na VII edição da ONU Colegial. Antes de melhor apresentar este documento, gostaríamos de primeiramente parabenizá-los por passarem no processo seletivo, reconhecendo o quanto vocês se esforçaram para isso.

Esse documento será o Guia de Estudos do comitê, servindo como base para os estudos do tema “Guerra Civil no Sudão e o silenciamento de uma crise humanitária”. Tal temática é, como o próprio título indica, negligenciada na mídia tradicional, especialmente a ocidental, mesmo que seja um dos piores conflitos e uma das maiores crises humanitárias da atualidade. Assim, estudar e debater sobre esse tema é de suma importância para o engrandecimento estudantil, pessoal, moral, cívico e, o mais indispensável, humano de cada um de vocês.

No entanto, sendo este guia uma base e focado principalmente no conteúdo, reforçamos a necessidade de aprofundar os tópicos aqui trazidos, procurando em outras fontes. Além disso, precisamos destacar que a simulação vai muito além do assunto em si, tornando-se imprescindíveis: a oratória; as estratégias de debate, argumentação e diálogo; a criação de alianças ou aproveitamento das rivalidades (ou influência das pessoas, como preferir); a postura respeitosa; vencer sobre a vergonha, entre tantos outros que serão apresentados nas oficinas que virão.

Frente a tantos obstáculos, complexidades e esforço, o mais importante é, com toda certeza, jamais esquecer de se divertir. Por meio de toda formalidade e seriedade, haverá possibilidades de criação de laços, momentos memoráveis, engraçados e de aprendizado. Os secretários, diretores e conselheiros constroem uma parte da estrutura deste projeto, e são vocês que o fazem realmente acontecer no momento

da verdade. Por isso, aproveitem cada oportunidade de aprendizado e diversão desta experiência singular.

Sentimos imensa ânsia por ensiná-los pelos meses que virão. Nos disponibilizamos para ajudar a sanar suas dificuldades, tanto de estudo quanto pessoais, que sentirem ao longo da jornada. Também desejamos, de coração, que se apaixonem pelo projeto tanto quanto nós o amamos.

Atenciosamente,

Alex Leony, Beatriz Costa, Gabriel Andrade e Luísa Fadigas.

## **2. Sobre a simulação**

A simulação da Organização das Nações Unidas fomenta um desenvolvimento plural e ultrapassa a esfera acadêmica ao contribuir na formação interdisciplinar dos participantes. De maneira ampla e múltipla, o protagonismo estudantil é fortalecido, em conjunto com o estudo geopolítico, o debate humanitário e a consolidação da criticidade. Assim, essa experiência contribui para uma significativa expansão dos horizontes de aprendizagem, ajudando o aluno a ter uma postura de cidadão global frente aos desafios contemporâneos.

A partir desses fundamentos, a ONU Colegial – simulação das Nações Unidas do Colégio Antônio Vieira (Salvador – BA) - busca, desde 2018, proporcionar para os vieirenses o senso de comunidade e a aprendizagem sobre temáticas de escala global. Neste ano, nossa expectativa é promover uma discussão frutífera em um espaço seguro, com a construção de habilidades ímpares e a composição de medidas resolutivas para obstáculos que ultrapassam as fronteiras nacionais.

Partindo do caráter interpessoal do processo, vale ressaltar que o projeto também ocorre em uma significativa parcela das escolas pertencentes a Rede Jesuíta de Educação. Outrossim, a cada dois anos, é realizado um encontro entre as instituições de ensino da RJE de todo o Brasil para realização de uma simulação caracterizada pelo intercâmbio, pluralidade e inovação. Esse ano, a III ONU Intercolegial foi sediada pelo Colégio Antônio Vieira e, indubitavelmente, fortaleceu nossa ONU Colegial com o fluxo cultural, o senso de comunidade e a dinâmica colaborativa.

Ademais, a ONU Colegial possui uma dedicada e consolidada rede de apoio que busca construir a melhor experiência para os membros do projeto – seja staff, imprensa ou delegado – e da comunidade vieirense. Dessa forma, a Comissão Organizadora da sétima edição - formada pelos ex-alunos e alunos do CAV - deseja construir cada etapa dessa trajetória de maneira única e acurada. O valioso processo preparatório é o primeiro passo dessa caminhada, marcado pelo carinhoso acompanhamento dos

comitês que, gradualmente, se tornam um ambiente acolhedor e culminam em quatro dias de intenso debate e cooperação.

Em 2024, a VII ONU Colegial conta com seis comitês (incluindo históricos, nacional e um inédito com delegações em dupla), seis jornais e um aplicado apoio logístico de staffs. Estamos muito contentes com o interesse e empenho dedicados ao projeto e desejamos que todos os envolvidos aproveitem o evento e, ao final da trajetória, possam buscar na memória novos conhecimentos, competências e recordações afetuosas marcadas por vínculos de companheirismo.

Esperamos que tenham uma vivência única e contem sempre com nosso apoio!

Atenciosamente,

Bernardo Palma e Iasmin Teixeira

Secretários-gerais da VII ONU Colegial

### 3. Sobre a ONU



A Organização das Nações Unidas (ONU), ou simplesmente Nações Unidas (NU), é uma organização internacional cujo objetivo declarado é facilitar a cooperação em matéria de direito internacional, segurança internacional, desenvolvimento econômico, progresso social, Direitos Humanos e a realização da paz mundial.

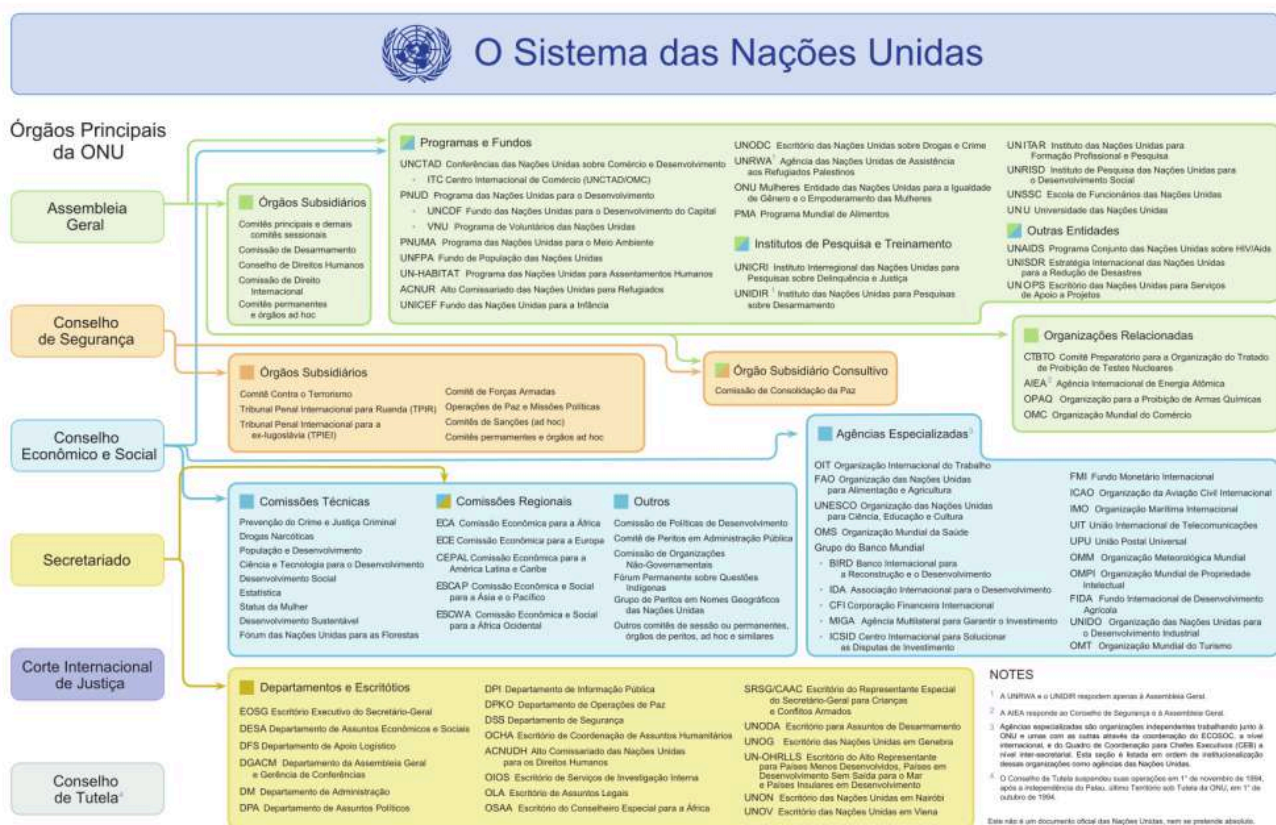
A ONU foi fundada em 1945, após a Segunda Guerra Mundial, para substituir a Liga das Nações, com o objetivo de deter a guerra entre países e fornecer uma plataforma para o diálogo. Ela contém várias organizações subsidiárias para realizar suas missões. Existem, atualmente, 193 países-membros, incluindo quase todos os Estados soberanos do mundo.

De seus escritórios em todo o mundo, a ONU e suas agências especializadas decidem sobre questões específicas ou administrativas em reuniões regulares ao longo do ano.

A figura mais destacada da ONU é o secretário-geral, cargo ocupado desde 2017 por António Guterres, de origem portuguesa. A organização é financiada por contribuições fixas e voluntárias dos Estados-membros, além de possuir seis línguas oficiais: árabe, chinês, inglês, francês, russo e espanhol.

A organização está dividida em instâncias administrativas, marcadamente pelos seus seis órgãos principais: Assembleia Geral

(AGNU), Conselho de Segurança (CSNU), Conselho Econômico e Social (ECOSOC), Conselho de Tutela, Corte Internacional de Justiça (CIJ) e Secretariado. Ademais, cada órgão ramifica-se em outros órgãos subsidiários, que compreendem fundos, programas e agências especializadas, cada um dos quais com a sua própria área de trabalho, liderança e orçamento, fomentando o sistema das Nações Unidas.



<https://infoonu.wordpress.com/2012/11/12/programas-fundos-e-agencias-especializadas/>

A ONU coordena o seu trabalho com estas entidades distintas do sistema da ONU, que cooperam com a Organização para ajudá-la a atingir os seus objetivos.

Além de seus órgãos próprios, a ONU conta com a colaboração de organismos regionais, como previsto no art. 52 Capítulo VIII da Carta das Nações Unidas, sendo a Organização dos Estados Americanos (OEA), a União Europeia (UE) e a União Africana (UA) alguns dos exemplos:



*Artigo 52:*

- 1. Nada na presente Carta impede a existência de acordos ou de organismos regionais, destinados a tratar dos assuntos relativos à manutenção da paz e da segurança internacionais que forem suscetíveis de uma ação regional, desde que tais acordos ou entidades regionais e suas atividades sejam compatíveis com os propósitos e princípios das Nações Unidas.*
- 2. Os membros das Nações Unidas, que forem parte em tais acordos ou que constituírem tais entidades, empregarão todos os esforços para chegar a uma solução pacífica das controvérsias locais por meio desses acordos e entidades regionais, antes de submetê-las ao Conselho de Segurança.*
- 3. O Conselho de Segurança estimulará o desenvolvimento da solução pacífica de controvérsias locais mediante os referidos acordos ou entidades regionais, por iniciativa dos Estados interessados ou a instância do próprio Conselho de Segurança.*

## 4. Sobre o comitê

### 4.1. Introdução



*Legenda: Sala de Reunião do Conselho de Segurança*

Herança do conflito da Segunda Guerra Mundial, o Conselho de Segurança é um dos mais antigos e centrais órgãos da Organização das Nações Unidas, tendo sido criado concomitante com a própria ONU, já idealizado na ratificação da Carta da ONU em 1945, no Parágrafo 1 do Artigo 7.

O principal objetivo do Conselho é manter e zelar pela paz internacional, configurando-se o responsável por conflitos ou ameaças que escapam ao escopo nacional ou regional dos envolvidos. Em outras palavras, o Conselho é responsável por evitar ou remediar a escalada de conflitos e divergências para níveis internacionais.

Para isso, possui uma gama de possíveis ações que se relacionam diretamente com o contexto: Se a paz global ainda não foi ameaçada, o Conselho chama as partes envolvidas para um encontro do órgão a fim de

auxiliar as negociações diplomáticas e evitar uma escalada; Caso a paz esteja sendo ameaçada, com agressão já consolidada ou próxima, recorre-se a sanções ou embargos e, em casos mais graves, intervenções armadas.

## **4.2. Estrutura**

O Conselho de Segurança é composto por 15 membros, sendo cinco permanentes e 10 rotativos, que possuem um mandato de dois anos sem a possibilidade de reeleição direta.

Os cinco membros permanentes são: China, Estados Unidos, França, Reino Unido e Rússia, que possuem o poder de veto sobre as resoluções do Conselho. Os dez rotativos, por sua vez, são eleitos a partir dos membros não-permanentes da Assembleia Geral, por meio da seguinte relação entre as regiões e o número de assentos:

África: 2 Assentos;

Ásia-Pacífico: 2 Assentos;

América Latina e Caribe: 2 Assentos;

Europa ocidental e outros Estados: 2 Assentos;

Europa Oriental: 1 Assento;

África ou Ásia: 1 Assento.

Atualmente, em 2024, os membros rotativos do Conselho são: Argélia, Coreia do Sul, Equador, Eslovênia, Guiana, Japão, Malta, Moçambique, Serra Leoa e Suíça.

Com objetivo de enriquecer o debate, o comitê terá 10 delegações convidadas segundo o Artigo 32. Isto é, são representações que não fazem parte dos membros temporários de 2024, não possuindo, dessa forma, poder de voto sobre as resoluções e emendas, podendo votar, no entanto, em questões procedimentais, tais como moções e questões. É importante destacar que a falta de voto não impede a participação dessas delegações na escrita de documentos.

As delegações convidadas são: Alemanha, Arábia Saudita, Brasil, Egito, Emirados Árabes Unidos, Etiópia, República Centro Africana, Sudão, Sudão do Sul e Quênia.

## 5. Conceitos e Termos

### 5.1. Conceitos e Termos Gerais

#### 5.1.1. Missões de Manutenção da Paz da ONU

As Missões Manutenção da Paz (em inglês Peacekeeping), como o próprio nome indica, são uma das estratégias utilizadas unicamente pelo Conselho para o estabelecimento e garantia da paz de um determinado país ou região.

Como postulam os Artigos de 39 a 44 da Carta das Nações Unidas, as Missões são operações regidas apenas pelo Conselho de Segurança, abrangendo diferentes situações e também oferecendo a solução mais adequada. Por isso, existem três principais tipos de Missões de Manutenção da Paz:

- **Peacemaking:** Em tradução livre, “fazendo paz”. Se caracteriza pela natureza diplomática, em que o diálogo entre as partes é incentivado pelo corpo diplomático e informacional da ONU, seja pela facilitação dos encontros, seja pela mediação nas negociações ou até mesmo em apoio técnico nas tomadas de decisões.
- **Peace Enforcement:** Em tradução livre, “aplicação de paz”. Estas operações, por sua vez, são caracterizadas por seu caráter mais incisivo, em que são utilizadas medidas coercitivas, inclusive o uso de força militar, quando o conflito ameaça a segurança internacional e já se exauriu as vias diplomáticas e consensuais. Tais missões precisam da autorização explícita do Conselho para agirem, mas é possível, se condizente ao contexto do conflito, utilizar a participação de organizações e agências regionais nestas missões.
- **Peacebuilding:** Em tradução livre, “construção de paz”. Diferentemente das anteriores, estas missões possuem um caráter reconstrutivo invés de preventivo, isto é, são utilizadas em regiões pós-conflito, procurando mitigar as consequências

para impedir que este ressurgja. Procura-se, em conjunto com os agentes locais, construir de bases para a paz e segurança, objetivando a autossuficiência posterior do Estado para desempenhar suas funções vitais de forma legítima e eficiente. É importante destacar que são missões longas e complexas, em que não se elimina a força militar, mas se modifica seu objetivo para a defesa ou de si próprios (legítima defesa) ou dos objetivos (proteção de civis, implementação de tratados, entre outros).

No entanto, ter sua organização realizada apenas pelo Conselho não significa ser ilimitada. Independentemente do tipo de Missão de Paz e do contexto envolvido, toda operação deve funcionar sob três princípios básicos: Consenso das Partes, Imparcialidade e Não-uso de força (exceto em casos de legítima defesa).

### **5.1.2. Direito Internacional Humanitário**

São leis que visam proteger, em tempos de guerra, as pessoas que participam ou não do conflito, com o objetivo de limitar os efeitos dos conflitos armados.

O DIH é muito semelhante aos Direitos Humanos, porém diferem-se por não serem suscetíveis a suspensão - salvo em caso especificado no artigo 5º da Convenção de Genebra, o qual permite a suspensão do DIH caso um Estado identifique que uma pessoa protegida é definitivamente uma ameaça à segurança estatal. A pessoa em questão perderá o direito de livre comunicação, entretanto deverá ter seus direitos à vida, julgamento justo e não submissão à tortura devidamente respeitados.

O DIH é regido por cinco princípios: distinção, proporcionalidade, limitação, necessidade militar e humanidade.

- **Distinção:** os combatentes devem distinguir-se dos civis, com a obrigação de utilizar uniformes e distintivos, ou manusear abertamente seu armamento.

- **Proporcionalidade:** nenhum beligerante deve ser atacado se os seus prejuízos civis e o número de vítimas forem maiores que os ganhos militares que se esperam desta ação.
- **Limitação:** previne danos supérfluos, sofrimento desnecessário e depredação do meio ambiente.
- **Necessidade militar:** os bens de caráter civil não podem ser objetos de ataque, somente de objetivos militares.
- **Humanidade:** é dever do Estado resguardar a vida de seus cidadãos e cumprir com o compromisso de apaziguar as tropas em combate. É o principal pilar do DHI.

#### **5.1.2.1 Convenções:**

O Direito Internacional Humanitário foi formalizado a partir de várias convenções, sendo elas: as Convenções de Genebra, a Convenção de Haia, a Convenção de Armas Biológicas, a Convenção de Armas Químicas, o Tratado de Ottawa e o Protocolo Adicional II - vale ressaltar, também, a importância do 3º Artigo em comum às convenções.

#### **5.1.3 Crise humanitária**

Falamos de crise humanitária quando existe uma situação de emergência generalizada, que afeta uma comunidade inteira ou um grupo de pessoas de uma região específica, devido aos altos índices de mortalidade e desnutrição, contágio de doenças, epidemias, emergências sanitárias, à falta de água potável, insegurança alimentar, saúde e abrigo.

Normalmente, essa situação é decorrente de uma desproteção anterior em lugares onde a desigualdade, a pobreza e a falta de serviços básicos são um fator constante, e um acontecimento específico acaba por agravá-la: acontecimentos políticos, tais como conflitos armados,

golpes de estado, perseguições étnicas ou religiosas, etc. ou catástrofes ambientais como tsunamis, terremotos, tufões, etc.

Diante de tal situação de deterioração e sendo o país que padece a crise incapaz de mitigá-la, torna-se imprescindível a ajuda humanitária para satisfazer as necessidades da população em risco (entrega de alimentos, assistência à saúde, reconstrução de infraestruturas, etc.).

#### **5.1.4. Tribunal Penal Internacional**

O Tribunal Penal Internacional foi criado a partir do Estatuto de Roma, assinado em 1998. É uma corte permanente, independente e de última instância. O TPI só pode atuar após solicitação do CSNU, podendo determinar a investigação de qualquer pessoa.

Dos 193 países reconhecidos pelas Nações Unidas, 123 são Estados membros do TPI. Entretanto, indivíduos de países não membros podem ser julgados se forem levados à corte pelo Conselho de Segurança caso representem ameaça à paz internacional.

São julgados somente: crimes de guerra, crimes contra a humanidade, crimes de agressão e genocídio.

##### **5.1.4.1 Crimes de guerra**

São violações graves das Convenções de Genebra - principalmente do 3º Artigo -, por exemplo: ataques à população civil, uso de armas proibidas, homicídio, tortura, uso indevido de uniformes de entidades humanitárias, impedir o fluxo de mantimentos básicos para os civis, etc.

##### **5.1.4.2 Crimes contra a humanidade**

São crimes contra grupos civis com o objetivo de submetê-los a tratamento desumano, humilhação, sofrimento ou morte. Entre eles estão: apartheid, escravidão, violação sexual, extermínio, homicídio, deportação ou deslocamento forçado de uma população e etc.



### **5.1.4.3 Crimes de agressão**

Inicialmente não foi incluído no Estatuto de Roma por ser difícil de definir. Entretanto, segundo a conferência de revisão do TPI realizada em Uganda, uma pessoa comete o crime de agressão quando utiliza da força armada para controlar ou dirigir o poder político de um Estado, atentando contra sua soberania, independência política e integridade territorial.

### **5.1.4.4 Genocídio**

Consiste em atos intencionais com o objetivo de eliminar total ou parcialmente um grupo étnico, religioso, nacional, ou racial. É de suma importância entender que não existe uma definição qualitativa para genocídio e este é um conceito comumente utilizado e até deturpado sobre viés de interesses particulares (de um grupo ou estado) tal qual o conceito de terrorismo.

### **5.1.5. Soberania**

Soberania, na teoria política, quer dizer a máxima autoridade principalmente no processo de decisões e na aplicação de ordem em um Estado reconhecido por outros poderes mundiais e/ou órgãos internacionais. O termo foi originalmente entendido como "poder estatal supremo". A soberania pode ser interior ou exterior, sendo assim dividida em. A soberania interna ou externa.

A soberania interna representa o poder que o Estado possui uma autoridade suprema, no sentido de que sua vontade predomina sobre todas as vontades dos indivíduos com que se relaciona dentro de seu território. É a mais alta autoridade que existe dentro do território do Estado.

Já a soberania externa se manifesta nas relações internacionais dos Estados. Implica, para o Estado soberano, a exclusão de toda subordinação, de toda dependência a respeito dos Estados estrangeiros. Ambas as definições implicam que o Estado é dono do seu território.

### **5.1.6. Grupos paramilitares**

Trata-se de uma forma de organização geralmente armada separada das forças armadas oficiais de um estado, portanto sem território delimitado, que possui organização militar e pode ou não se alinhar com a força política vigente. Esta forma de poder paralelo é comumente associada com violência, tirania, extremismo e pode ser mas não é necessariamente utilizada pelo governo para realizar atos ilícitos ou até por um estado distante para interferir diretamente em determinado conflito ou contexto geopolítico (vale entender em situações assim se algum agente político apoia, financia, envia suprimentos, armamentos, etc).

### **5.1.7. Terrorismo**

Terrorismo é um dos conceitos mais ambíguos, dicotômicos e repleto de controvérsias da atualidade. A falta de uma definição geral pode causar diversos problemas nos esforços e na efetivação da criação de leis contra o terrorismo, já que os Estados têm que seguir as regras dos direitos internacionais e as obrigações dos direitos humanos.

Porém, de acordo com a Declaração de Medidas para Eliminar o Terrorismo Internacional, da Organização das Nações Unidas, o terrorismo é um conjunto de atos criminosos tendenciosos e/ou calculados para provocar um estado de terror na população em geral, em um grupo de pessoas ou em pessoas específicas por motivações políticas, filosóficas, ideológicas, raciais, étnicas, religiosas ou de qualquer outra natureza que possam ser invocadas para justificá-los.

Além disso, segundo tal definição, destacam-se três motivações principais: o desejo de intimidar a população; o desejo de criar uma atmosfera de terror; o desejo de compelir um governo ou organização internacional a realizar ou se abster de realizar algum ato. Tal como o conceito de genocídio, graças à ausência de uma definição estrita,

universal e objetivamente aplicável, torna-se um conceito muitas vezes apropriado para fins e interesses particulares de um grupo ou estado.

### **5.1.8. Acordos de paz**

Os Acordos de Paz, também chamados de Tratados de Paz, são compromissos formais entre duas entidades (sejam elas Estados ou grupos armados não-governamentais), geralmente tomando a forma de um documento escrito, para encerrar um conflito imediatamente. Não apenas isso, os Acordos de paz também estabelecem as condições para rendição, reparação ou quaisquer outros requerimentos para se garantir a paz, agraciando os interesses de ambos os lados.

Não se deve confundir acordos de paz com armistícios, que são apenas pausas temporárias no conflito, que podem acontecer por motivos religiosos ou culturais, crise ou para se montar as fundações diplomáticas para um Acordo de Paz.

## **5.2. Conceitos Específicos**

### **5.2.1. UNAMID**

A Missão das Nações Unidas e da União Africana em Darfur (No original, United Nations - African Union Mission in Darfur, por isso sua sigla UNAMID) foi estabelecida em 2007 por meio da resolução 1769, apesar de ter seu envio de tropas iniciado em 2008.

Seus principais objetivos foram melhor estabelecidos em 2014 por meio da resolução 2148, já que inicialmente, a missão era mais abrangente e sem enfoque real. Os objetivos foram proteger os civis, auxiliar na entrega de assistência humanitária, mediar entre o Governo do Sudão e grupos armados em Darfur e apoiar a mediação de conflitos locais, incluindo suas fontes.

O mandato da missão foi encerrado em 2020, sendo substituída por outra missão no mesmo ano.

### **5.2.2 UNITAMS**

A Missão Integrada à Assistência das Nações Unidas no Sudão (United Nations Integrated Transition Assistance Mission in Sudan, por isso sua sigla UNAMID) foi estabelecida em 2020 pela resolução 2524 do Conselho de Segurança, feita para substituir a UNAMID.

Diferentemente de sua predecessora, que se focava no conflito de uma região, a UNITAMS estava baseada em Cartum e possuía jurisdição em todo Sudão. Dessa forma, a missão conseguia melhor cumprir seus objetivos, que eram: garantir a transição democrática do governo; auxiliar os processos de paz e a implementação de acordos de paz; proteção de civis; coordenação para assistência humanitária (os mesmos da UNAMID); mobilização de desenvolvimento econômico e político; entre outros.

O mandato inicial da missão foi de 12 meses, sendo renovado em 2021 para mais 12 meses. Os objetivos se mantiveram, com um enfoque especial em reforçar a implementação dos termos do JPA e de um plano nacional que protegeria os civis, além de apoiar os diálogos de paz e escrita da constituição.

Em junho de 2022, novamente o mandato da Missão foi estendido, mais uma vez, para 12 meses, mas sem modificar tanto seus objetivos. Em junho de 2023, a extensão foi de apenas seis meses. Por fim, a pedido do Governo do Sudão, em 3 de dezembro a missão foi encerrada, precisando-se retirar do país as 245 pessoas que ela empregava.

### **5.2.3. Janjaweed**

Janjaweed (do árabe Jinni: “espírito” e Jawad: “cavalo”) é uma milícia de origem árabe atuante, sobretudo, em Darfur.

O grupo tem suas origens na Guerra Civil do Chade, um dos países vizinhos do Sudão. A Líbia, outro país vizinho do Sudão e envolvido no conflito do Chade, enviou apoio aos nômades árabes do leste do país como forma de complementar e fortalecer as suas próprias forças na região. De modo simultâneo, em Darfur, do outro lado da fronteira, o governo do Sudão forneceu armamento aos nômades Abbala falantes do

árabe e os alistou para lutar contra as ofensivas da Líbia no território sudanês durante o período de guerra. Mais tarde esses dois grupos de nômades árabes darão origem à milícia Janjaweed.

Apesar da intervenção Líbia no Chade ter cessado em 1987, a Segunda Guerra Civil Sudanesa já atingia o Sudão. O cenário de caos instaurado pela sobreposição dos dois conflitos criou condições para que as milícias pudessem operar sem sofrer tantas retaliações. Durante a década de 90, os grupos se uniram em uma coalizão para invadir e saquear vilarejos entre o Chade e o Sudão, gerando revolta e conflitos com a população local.

Enquanto isso, o governo sudanês fazia vista grossa para as ações das milícias, visto o apoio armado que forneceu para que pudessem se juntar ao exército nacional para lutar contra os rebeldes do Exército de Libertação do Sudão.

A partir de 2002, parte da população africana de Darfur iniciou uma série de protestos contra o governo sudanês devido a alegações de tratamento injusto, passando a promover ataques contra instalações governamentais, os quais foram retaliados com intensos bombardeios das forças armadas. Juntamente a isso, os dois maiores grupos rebeldes da região, o Movimento Justiça e Igualdade (Justice and Equality Movement, JEM) e o Exército de Libertação do Sudão (Sudan Liberation Army, SLA), uniram-se para pôr em prática o ataque a Al-Fashir em abril de 2003, que criou uma enorme instabilidade em meio aos militares e garantiu diversas vitórias dos rebeldes.

Em resposta ao atentado de Al-Fashir, os grupos árabes - agora formalmente denominados Janjaweed - foram organizados como uma força de contra-insurgência em Darfur, atacando áreas civis, destruindo as necessidades básicas da população e assassinando homens, mulheres e crianças no que, mais tarde, seria descrito pelos Estados Unidos como um genocídio e limpeza étnica dos povos Fur, Masalit e Zaghawa, com cerca de 300 mil mortos e 2 milhões de não-árabes deslocados. Omar al-Bashir, presidente do Sudão na época dos fatos, foi alvo de ataques da

comunidade internacional, porém negou qualquer envolvimento com a milícia Janjaweed.

Em 2004, a União Africana enviou cerca de 7 mil soldados para o Sudão com o objetivo de dominar os Janjaweed, portanto, em 2008, um contingente de peacekeeping da ONU foi mandado para o país para se juntar às forças da UA, aumentando o número de soldados para cerca de 22 mil, restringindo a atividade dos Janjaweed em Darfur.

#### **5.2.4. Forças de Apoio Rápido**

As Forças de Apoio Rápido (Rapid Support Forces, RSF) evoluíram dos Janjaweed. A milícia foi integrada às forças armadas em 2013 e foi utilizada, principalmente, como guardas nas fronteiras sudanesas.

Em 2015, as RSF e o governo sudanês passaram a enviar tropas para lutar na guerra do Iêmen ao lado da coalizão saudita - organizada, armada e financiada pela Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos, Estados Unidos, França e Reino Unido - e contra os rebeldes Houthis - fortemente alinhados ao Irã -, que tomaram o controle de Sanaa, capital iemenita. Atualmente, a crise no Iêmen é considerada a maior catástrofe humanitária do mundo.

Desde então, as RSF - majoritariamente composta pelos Janjaweed - vêm protagonizando o conflito por disputa de poder na República do Sudão, numa conjuntura de agitação e profunda instabilidade no país.

#### **5.2.5. Grupo Wagner**

O Grupo Wagner, conhecido oficialmente como PMC Wagner, é uma organização militar privada. Foi fundado, provavelmente, em 2013, pelos ex-militares russos Dmitri Utkin e oligarca Yevgeny Prigozhin, sendo Prigozhin marcado como líder posteriormente.

Supõe-se que a primeira atuação do Grupo Wagner foi em 2014, na anexação da Crimeia pela Rússia, de forma mais modesta e apenas auxiliando os separatistas a realizarem o referendo ilegal. Após isso, envolveram-se no combate em território leste ucraniano, passando a

marcar presença em diversos países: Venezuela em 2019; Mali, em 2021; Ucrânia, em 2022; República Centro Africana, em 2023, entre outros territórios. Essa presença podia ser por meio da inserção no combate, do treinamento de unidades nacionais ou de atividades econômicas dentro do país.

Por mais que todos esses territórios fossem relacionados ao Governo Russo e, em diversas análises internacionais, de interesse para o Kremlin, este veementemente negava que o Grupo estivesse subordinado diretamente ao Governo. Mantinha-se como principal argumento o caráter privado da organização, por mais que investigações estadunidenses indiquem que houvesse investimentos estatais para um pseudônimo do grupo. Contudo, essa relação foi exposta abertamente em julho de 2023, com uma falha tentativa de rebelião por parte de Prigozhin e seus seguidores contra Putin.

A partir disso, a organização foi desmantelada pelo governo e matérias da CNN indicaram que o Kremlin exige a declaração de lealdade pelos integrantes da organização, substituindo alguns locais de atuações pelo Departamento Federal de Inteligência Russo (comumente abreviado como GRU).

#### **5.2.6. CPA**

O Amplo Tratado de Paz (Comprehensive Peace Agreement) ou Tratado de Naivasha foi assinado em 09 de janeiro de 2005 pelo Governo do Sudão e pelo Movimento Popular de Libertação do Sudão (Sudanese People's Liberation Movement, SPLM), com o objetivo de pôr fim à Segunda Guerra Civil Sudanesa.

O extenso documento, entre os seus diversos protocolos e resoluções, demandava um cessar-fogo permanente entre as Forças Armadas Sudanesas do norte e o MPLS do sul, que deveria ser implementado de forma gradual e segura para os dois lados do conflito. Além disso, também foi acordado que as receitas provenientes do

petróleo seriam divididas igualmente entre o Sudão e o Sudão do Sul - sendo, este último, totalmente dependente do petróleo. Essa divisão das receitas se consolidou como um dos principais pontos de tensão entre os dois países.

Ademais, o CPA criou um sistema federal assimétrico, com um governo de unidade nacional (GoNU, na sigla em inglês), no qual o Sul teria representação, e um governo regional do sul separado (GoSS). A região Norte e a região Sul também seriam divididas em estados, cada um com a sua própria assembleia e executivo eleitos.

Entretanto, o CPA nunca foi de fato implementado como havia sido imaginado. Isso se deve, sobretudo, ao fato de que o acordo foi assinado devido à pressão da comunidade internacional e por esforços diplomáticos externos, e não por uma vontade sincera das partes do conflito. Sendo assim, inúmeras violações do cessar-fogo foram cometidas mesmo após a sua instauração, além do aumento das tensões no Sudão.

Sendo assim, percebe-se que o Acordo tem uma grande importância para a atual conjuntura dos dois países, que não convivem em completa paz desde o fim da Segunda Guerra Sudanesa.

### **5.2.3. JPA**

O Acordo de Juba para a Paz no Sudão, também conhecido como Acordo de Paz de Juba (Juba Agreement for Peace in Sudan, ou Juba Peace Agreement, JPA) foi assinado em 3 de outubro de 2020 pelo Governo Provisório do Sudão, chefiado por Abdalla Hamdok, e uma aliança entre diferentes grupos rebeldes de Darfur, com o objetivo de pôr fim aos conflitos em Darfur. Mediado pelo presidente do Sudão do Sul, Salva Kiir, as negociações que culminaram na assinatura do acordo levaram um ano.

Assim como o CPA, o JPA definiu que a divisão do Sudão seria assimétrica, em que Darfur exercerá uma autoridade específica em comparação às outras regiões sudanesas, incluindo mecanismos de segurança e justiça, que não mais serão centralizados, mas sim com



instituições únicas a cada região. Aliás, o acordo detalha extensivamente sobre futuros mecanismos de justiça, englobando mecanismos de reconciliação e verdade, investigações e possibilidades de anistias.

Ademais, também é estabelecido pelo acordo algumas mudanças constitucionais na Carta Constitucional de 2019, também predeterminando alguns aspectos da futura Constituição do Sudão, incluindo o processo de escrita, pressupondo: uma conferência; um prazo; uma agenda e a indicação de alguns dos participantes que escreverão.

Contudo, o acordo preocupou diversas entidades internacionais por sua falta de clareza. Por mais que tenha definido diversos caminhos para o fim do conflito e construção de paz, diversos dos mecanismos anteriormente mencionados (administrativos, de segurança, de justiça) não foram planejados de forma clara o suficiente ou não se relacionam com outras questões que afetam o país. Além disso, nem todos os grupos guerrilheiros de Darfur aceitaram o acordo, com alguns ativamente o boicotando. Criou-se, assim, um clima de incerteza e insegurança sobre o funcionamento efetivo do acordo.

Atualmente, há controvérsias entre o governo de Gaffar Hassan e os grupos assinantes do JPA. Enquanto o Governo Provisório procura uma revisão do acordo, argumentando que é necessário discutir os pontos do acordo para evitar um golpe político, o outro lado do acordo se recusa a “modificar uma vírgula do texto”, sob acusações de que emendas ao acordo vão contra com os valores defendidos em 2020.

## 6. Histórico do tema



*Legenda: Linha do tempo resumida do histórico do tema, iniciando no Século XIX e terminando em 2024.*

### 6.1. Sudão Colonial

Em 1898, o Reino Unido iniciou o processo de colonização do Sudão e Sudão do Sul. Porém, a colonização presente neste território foi relativamente incomum em relação a outras colônias africanas, já que o Egito também possuía controle sobre a região, por meio da Regra de Condomínio, também conhecida como Regra Anglo-Egípcia. Nesta, o Egito recebia autoridade parcial sobre o governo e colonização do Sudão, mas, sendo ele próprio subordinado ao Reino Unido, não era a autoridade maior em relação à colônia. Isso se dava, por exemplo, pela presença quase unânime de oficiais britânicos em papéis de inspetores e governadores, por mais que, tecnicamente, estivessem trabalhando a cargo do Exército Egípcio.

Além da Regra de Condomínio, visando “dividir e conquistar”, o Reino Unido se munia da “Ordem dos Distritos Fechados” para organizar e controlar as relações entre a Região Norte-Sul. O investimento econômico, a educação, a religião, a língua, a forma de governo, a circulação pelo país

e tantos outros aspectos, eram completamente diferentes entre as duas regiões, priorizando sempre o Norte. Nascia, assim, a elite intelectual e econômica de Cartum, e os diversos grupos semi autônomos do Sul, fragmentando profundamente o país e gerando diversos conflitos futuros.

## **6.2. Independência**

Por conta da Segunda Guerra Mundial, o Reino Unido se encontrava econômica e politicamente fragilizado com as perdas e combates. Assim, faltavam menos recursos para manter e controlar as colônias, iniciando-se um processo em cadeia em que cada vez mais antigas colônias declaravam a própria independência.

Por isso, ao notar o crescimento do nacionalismo e desagrado dos sudaneses com a ocupação egípcia, o Reino Unido desejava entregar maior autonomia para a colônia, enquanto o Egito desejava manter o controle. Graças a uma movimentação política dos sudaneses, apoiados pelo Reino Unido, a Constituição de 1948 permitiu a criação de uma assembleia legislativa, mesmo que ainda diretamente controlada pela Coroa. É importante destacar a formação do partido Ummah, antiegípcio e defensor da independência, e o partido Ashiga, favorável à união com o Egito.

Após a revolução de 1952 no Egito, os ideais de união do partido Ashiga foram frustrados, já que o presidente que assumiu, Gamal Abdel Nasser, era contra o multipartidarismo. Em 1953, o partido Ashiga se tornou o Partido da União Nacional e começou a também apoiar a independência. Com ambos os partidos sudaneses defendendo a independência, também em 1953, o Egito e o Reino Unido assinaram um tratado para retirar suas tropas da colônia em até três anos.

Em 1955, o Sudão declara unilateralmente sua independência e é reconhecido pela Coroa Inglesa. Em primeiro de janeiro de 1956, os Estados Unidos e seus aliados reconhecem a independência e, em fevereiro do mesmo ano, o Sudão se torna oficialmente uma nação.

### **6.3. Primeira Guerra Civil Sudanesa**

A Primeira Guerra Civil Sudanesa (também conhecida como Rebelião de Anyanya) teve início em 1955 - antes mesmo do Sudão ser reconhecido como um país independente.

A região do Sul começou uma rebelião contra o governo do Norte sediado em Cartum, pois se sentia marginalizada e excluída do poder político. Esse fato marcou o prelúdio de um período de violência que se estendeu até o ano de 1972, quando o Tratado de Addis Abeba pôs fim à primeira guerra e pacificou temporariamente a região, dando autonomia ao Sul.

### **6.4. Segunda Guerra Civil Sudanesa**

Em 1983, apenas onze anos após o fim da Primeira Guerra Civil Sudanesa, iniciou-se a Segunda Guerra Civil Sudanesa, conflito considerado pela comunidade internacional como muito mais sangrento que o anterior, em termos de divisões étnico-econômico, pilhagens, violências, exploração, entre outros. Esse conflito foi protagonizado pelo Governo de Cartum e o Exército de Liberação das Pessoas Sudanesas / Sudan People 's Liberation Army (SPLA), iniciando na região Sul do Sudão, mas acabou se espalhando até mesmo para as Montanhas de Nuba e a região do Rio Nilo Azul.

Os prelúdios para a explosão do conflito começaram com o aumento do fundamentalismo Muçulmano em cargos públicos, tais como o exército do país, o serviço social e professores do segundo grau (atualmente conhecido como Ensino Médio), desagradando a população do sul, de maioria cristã e animista. Além disso, o próprio presidente da época Gaafar Nimeiry passou a se aproximar da Irmandade Muçulmana, graças à falta de apoio dentro do próprio partido e à deterioração das relações com o Sul. Essa aproximação culminou na tentativa de impor uma Constituição, incluindo os códigos legais sudaneses, que se baseava fortemente na a Sharia / Sharī' ah, a Lei Islâmica, acompanhada também

de um banimento de boa parte da Região Autônoma Cristã do Sul do Sudão.

A paz frágil que o Sudão revelou outro problema: graças à liberação de fundos que eram destinados à guerra, foi exposta a má organização dos projetos econômicos estatais, ou por incompetência ou corrupção. O estopim, por sua vez, foi a descoberta de reservas de petróleo na fronteira Norte-Sul do país, que resultou na quebra oficial do acordo de Addis Ababa pela parte de Nimeiri, que dividiu o Sul à organização anterior do acordo e dissolveu a assembleia regional do Sul, gerando revoltas pela população sulista.

O descontentamento da população foi expresso a Cartum por duas vias: A guerrilheira, o Exército de Liberação das Pessoas Sudanesas / Sudanese People's Liberation Army (SPLA / ELPS); E a política, o Movimento de Liberação das Pessoas Sudanesas / Sudan People's Liberation Movement (SPLM). E, embora Nimeiri tenha tentado, após falhar em reprimir militarmente a revolução, suavizar algumas de suas políticas mais severas - a exemplo de anular o estado de emergência que tinha invocado cinco meses antes, rescindir a divisão tripartida do sul e suspender os aspectos mais brutais dos tribunais islâmicos -, esses gestos foram entendidos pelos rebeldes como fúteis e tardios. Assim, ele sofreu um golpe não-violento em 1985 pelo seu chefe de gabinete, o general Abd al-Raḥmān Siwar al-Dahab, que não foi capaz de estabilizar a situação política ou a guerra, sofrendo um golpe de Omar Al-Bashir em 1989.

Omar Al-Bashir e O Conselho do Comando Revolucionário (RCC), relacionado à Irmandade Muçulmana, iniciaram uma perseguição a centenas de opositores políticos, proibindo sindicatos e partidos políticos, silenciando a imprensa e desmantelando o poder judicial, com o objetivo de restringir as elites intelectuais e econômicas que fomentavam as revoluções populares. Confiantes do poder que possuíam, foi reinstalada a Sharia, incluindo as punições corporais, e o Sudão expressou apoio público ao Iraque na Guerra do Golfo, resultando em um isolamento do Sudão não apenas do Ocidente (EUA e aliados), mas também dos vizinhos árabes.

Assim, graças ao isolamento e à guerra, se instaura em território sudanês uma crise econômica que se traduz em faltas de comodidades básicas.

Houve mudanças políticas que indicaram a caminhada do Sudão para uma democracia: eleições presidenciais e legislativas - que não levaram em consideração a fragilidade e violência que se encontrava o Sul do país -, em que Al-Bashir e seus aliados ganharam, uma constituição foi aprovada em 1998, e em 1999 o multipartidarismo foi introduzido, no mesmo ano que a exportação de petróleo se iniciou. Contudo, a guerra no Sul se mantinha mesmo com tais mudanças políticas, mesmo com diversos acordos, cessar-fogos e discussões de paz infrutíferos durante as décadas de 90 e começo dos anos 2000.

Apenas em 2005 o conflito se encerrou, graças a assinatura do SPLA e do Governo do Acordo Compreensivo de Paz (ACP) / Comprehensive Peace Agreement (CPA). Este previa uma nova constituição e delineou novas medidas para partilhar o poder, distribuir riqueza e proporcionar segurança no país. Também permitiu uma administração separada para o Sul do Sudão e estipulou que um referendo sobre a independência daquela região seria realizado dentro de seis anos, culminando, em 2011, na criação do Sudão do Sul.

### **6.5. Darfur**

Enquanto o SPLA e Cartum caminhavam para um acordo de paz, outro conflito explodia no Sudão, porém, no oeste do país, na região de Darfur. Este conflito se tornaria uma das piores crises humanitárias da atualidade.

Darfur já naturalmente é uma região fragilizada: localizada na faixa do Sahel, é extremamente seca e seu solo sofre com a fertilidade, e suas duas principais atividades econômicas são agricultura e pecuária.



*Legenda: Mapa do Sudão. A região em destaque na cor laranja é Darfur.*

Com uma crise hídrica no começo dos anos 2000, o Movimento de Libertação do Sudão (Sudan Liberation Movement, SLM) e o Movimento Justiça e Igualdade (Justice and Equality Movement, JEM) iniciaram uma rebelião - em forma de um ataque a instalações governamentais no distrito de El-Fasher - contra o que eles entendiam como descaso governamental com os povos do oeste e não-árabes. Como resposta a esse ataque, o Governo financiou e equipou grupos paramilitares árabes, que passaram a serem conhecidos posteriormente como Janjaweed, como força-tarefa contra os rebeldes de Darfur. Mesmo com a violência crescente e a evasão de sudaneses para o Chade, o Governo não alertou para a possível crise na região, graças à expectativa de paz no Sul.

Porém, rapidamente o Governo perdeu o controle sobre os Janjaweed, que passaram a aterrorizar os civis, com atos de violência não provocados ou desmedidos, assassinatos, estupros, sequestros, saqueamentos e começaram a impedir a entrada de organizações internacionais na região para a entrega de alimentos e suprimentos básicos. Assim, com mediação da ONU, o Governo realizou um acordo de paz com alguns grupos rebeldes em 2006, o que não significou o fim do conflito, já que facções menores e dissidentes dos movimentos se recusaram a reconhecer o acordo de paz, ou desejando pela independência de Darfur.

Frente a essa crise humanitária, a União Africana enviou tropas para a região em 2007, missão que foi substituída em 2008 por uma ação

conjunta da UA com a ONU, a UNAMID, que foi, por sua vez, trocada pela UNITAMS em 2021.

Em 2020, foi assinado o Acordo de Juba para a Paz no Sudão, significando uma diminuição do conflito e uma perspectiva de paz para o Governo, a comunidade internacional e os civis sudaneses.

### **6.6. Separação do Sudão do Sul**

O Tratado de Naishava, além de pôr fim à Segunda Guerra Civil Sudanesa, estipulou algumas medidas para a posterior independência do Sul, facilitando o processo. Permitiu uma administração separada para o Sul, que passou a ser chamada de Região Autônoma do Sul, prevendo novas formas de partilhas de poder, riqueza e estipulou que, em até seis anos, um plebiscito popular sobre a independência deveria ser feito. Além disso, as regiões sensíveis de Abyei, Kordofan e Nilo Azul, em que a localização ou sensação de pertencimento da população, estariam em administração conjunta de Cartum e da Região Autônoma do Sul até que outro plebiscito definisse o destino das regiões.

Para garantir a implementação justa deste tratado, foi criada pela ONU a Missão das Nações Unidas no Sudão (United Nations Mission in Sudan, UNMIS) em 2005. De caráter de peacebuilding, a missão além de garantir a implementação do tratado, realizava atos básicos de assistência humanitária e reconstrução governamental para ambos os lados. A duração de seu mandato estava estabelecida para durar até a secessão do Sul, e assim o fez.

Em 2011, dentro dos seis anos estipulados pelo Tratado, foi realizado o referendo popular no Sul, com resultados massivos a favor da separação. Assim, em 2011 a Região Autônoma do Sul se tornou Sudão do Sul, sendo reconhecido internacionalmente e se tornando um membro da Organização das Nações Unidas em Julho de 2011.



## 6.7. Golpes de 2021

Inicialmente, é preciso destacar a proeminência de Golpes de Estado na história do Sudão, que somando até os dias atuais, acumula 39 golpes. Explicar uma disputa pelo poder, seja ela uma revolução ou um golpe, é esbarrar na necessidade de explicar outra disputa de poder. Por isso, para se contextualizar o golpe de 2021, é preciso mencionar, mesmo que de forma breve, golpes de estado anteriores.

Em 1989, durante a Segunda Guerra Civil, Omar Al-Bashir realizou um golpe de Estado, se colocando no poder durante três décadas. No entanto, graças ao conflito de Darfur, seu financiamento dos Janjaweed, a posterior acusação formal do TPI de crimes contra a humanidade e acusação estadunidense de ter abrigado Osama Bin Laden, o Sudão sofreu pesadas sanções e embargos econômicos, que só foram retirados por completo em 2020.

O motivo da retirada em 2020 se refere ao ano anterior, em que ocorreu a Revolução, também chamado de Golpe por outras entidades internacionais, em 2019, em que os civis e militares retiraram Al-Bashir do poder depois da ditadura. Para transicionar para um governo democrático, foi criado o Conselho Soberano, composto tanto por civis quanto por militares, colocando como Primeiro-Ministro Abdalla Hamdok.

No entanto, graças às discordâncias e brigas entre os representantes civis e os militares, o mandato do Primeiro-Ministro durou pouco. Em outubro de 2021, os militares, em conjunto com as Forças de Suporte Rápido, depuseram e aprisionaram Hamdok, declararam Estado de Emergência e dissolveram o Conselho Soberano, sob o argumento que as disputas políticas estavam atrasando o processo democrático e arriscando o acontecimento de uma guerra civil. Por mais que, por pressão da comunidade internacional, Hamdok tenha sido liberto e tenha feito acordos com os militares para continuar exercendo sua função, ele acabou renunciando e deixando o poder, efetivamente, para as Forças Armadas, ou, mais especificamente, o General Abdel Fattah Al-Burhan.

É importante destacar que, diferentemente do Golpe de 2019 que retirou o ditador Omar Al-Bashir, este golpe não foi apoiado pela população. Mesmo um ano após, a população continuou indo às ruas da capital para protestar as ações das Forças Armadas, com retaliação pesada do exército, levando a centena de mortos, de acordo com fontes como Al-Jazeera e CNN. Assim, a comunidade internacional criticou não apenas o Golpe, mas também a forma que a SAF estava lidando com a organização do Sudão.

### **6.8. Conflito de 2023**

Após o golpe de 2021 e a posterior renúncia de Hamdok, o Governo Sudanês estava sendo chefiado pelas Forças Armadas, apoiado por representantes civis e pelas Forças de Suporte Rápido. As Forças Armadas, por sua vez, são comandadas pelo General Abdel Fattah Al-Burhan e as Forças de Suporte Rápido, controladas por Mohamed Hamdan Dagalo, também conhecido como “Hemedti” ou “Hemetti”. É importante destacar que, a certo ponto, ocorreu uma proximidade entre esses dois generais, em que Hemedti se tornou uma espécie de “braço direito” de Al-Burhan.

A partir disso, os três grupos organizavam o caminho que levaria ao governo civil democrático, revelando desarmonias basilares entre eles, especialmente entre o grupo militar e o paramilitar, com o grupo civil sendo menos expressivo em comparação. A principal desarmonia se concentrava no setor estatal de segurança, com a inserção ou não da RSF nas Forças Armadas, de que forma essa inserção aconteceria - a força paramilitar argumentava que, antes de ser integrada ao exército, este devia ser mais inclusivo e preparado - e as possíveis consequências dela (a SAF temia ser “esvaziado”, se tornando minoria dentro da própria organização e abrindo espaço para controle da RSF). Além disso, Hemetti declarou o desejo de manter suas forças paramilitares após a eleição como “garantia”, colocando em xeque, também, a relação de poder entre ele e Al-Burhan.

Graças a esse “vácuo de poder” e sua falta de resolução, as relações anteriormente harmoniosas entre a RSF e SAF começaram a ser tensionadas por semanas. Tentativas de negociações não tranquilizaram tais tensões, que se traduziram em conflito em 15 de Abril de 2023, em Cartum, capital do Sudão. Não se sabe com certeza quem atirou a primeira bala, tendo ambos os lados responsabilizado o outro pela primeira agressão. No entanto, é certo que ambas as organizações procuram manter controle sobre os prédios institucionais e que o conflito se espalhou por todo o Sudão, afetando regiões como Kordofan, Darfur a oeste, Kassala, Gedaref e Porto Sudão a leste.

Atualmente, em 2024, o conflito continua, apesar dos esforços e apelos internacionais. Em Março deste ano, houve um breve armistício graças ao Ramadã, incentivado pelo Secretário-Geral da ONU, António Guterres, mas que não foi o suficiente para negociações de paz, com o conflito já sendo retomado.



Legenda: Mapa do Sudão com a demarcação das regiões administrativas.

## **6.9. Crise Humanitária no Sudão**

A Crise Humanitária no Sudão não pode ser atribuída a uma simples resposta e causa. Graças à colonização, posteriores Guerras Civis e sanções, o Sudão já sofria com condições de vida abaixo da média, exemplificado pelo IDH de 0,510 em 2019. No entanto, o atual embate entre a RSF e a SAF agravou a situação já delicada que se encontrava o país.

O conflito afetou diretamente a agricultura, pecuária, o acesso de ajuda humanitária internacional e destruiu ou fechou fábricas alimentícias, criando um contexto de extrema fome no país. Quase 37,7% da população está em insegurança alimentar, com quase cinco milhões de pessoas à beira da inanição, sendo 222 mil destas crianças com risco de falecimento.

A questão alimentícia também afeta diretamente a questão da saúde no país. A organização Médicos Sem Fronteiras relata que, após o início do conflito, é a única organização internacional que está prestando cuidados médicos aos civis, sofrendo com a falta de suprimentos necessários, que não chegam pelo bloqueio. Assim, graças a cortes de energia e combates próximos a hospitais e necrotérios, também existe o risco cada vez maior da ocorrência de uma epidemia, com doenças como malária, cólera e sarampo roubando a vida de civis, especialmente crianças, que tem a menor imunidade e são mais sensíveis à fome.

Não apenas isso, o número de refugiados é dito que se constitui a maior crise de refugiados da atualidade. Relatórios da ONU indicam que, de forma interna e externa, quase nove milhões de pessoas já fugiram do conflito, com este número ainda crescendo. Além da situação de vulnerabilidade, pressão nas áreas que o deslocamento se direciona e o sofrimento de distanciamento do lar, também está se tornando preocupante a forma que muitos dos sudaneses estão fugindo. Aumentaram os relatos de tráfico de pessoas, em que os refugiados pagam as últimas de suas economias para se direcionar a países fronteiriços, como o Egito, sofrendo, muitas vezes, golpes ou violências

dos traficantes. Além disso, é possível que esses refugiados sejam deportados ou negados a entrada.

Ademais, sites como BBC e CNN acusam as Forças Armadas de cortarem a internet dos civis, especialmente após as manifestações contra o golpe de 2021. A comunidade internacional, especialmente agentes ocidentais como EUA e França, fortemente criticou essa atitude, citando-a como uma quebra dos direitos humanos.

Outro agravante da crise humanitária sudanesa são as supostas quebras dos direitos humanos e a realização de crimes de guerra. Desde o início do combate, relatórios da ONU denunciam o uso excessivo de violência contra civis, incluindo violência sexual, invasão de propriedade privada e expulsão dos moradores, tortura e execuções arbitrárias. Além disso, relatórios indicam que essas quebras estão sendo realizadas por ambos os lados, o que é debatido e contestado tanto por agentes da comunidade internacional quanto pelos participantes da batalha. Precisa-se destacar a acusação realizada pelas SAF de limpeza étnica contra os Masalits da região de Darfur Ocidental, realizada pela RSF.

Assim, é possível perceber que a situação humanitária no Sudão é complexa, repleta de diferentes facetas e afeta direta e especialmente os civis. Infelizmente, por mais que haja movimentação internacional, tais como financiamento ou envio de suprimentos, por conta do conflito, muito desse auxílio humanitário não está chegando aos civis que precisam. A comunidade internacional suplica aos dois lados do conflito que permitam o acesso, e eles, novamente, culpabilizam o outro de ser o responsável.

## **7. Definição do problema**

A explosão dos conflitos em abril de 2023 e o atual cenário de guerra no Sudão são consequências diretas de décadas de silenciamento e negligência por parte da comunidade internacional. A atual crise sudanesa é, segundo a ONU, uma das piores crises humanitárias da história mundial recente e a maior crise de refugiados da contemporaneidade, chegando a deslocar mais de 8 milhões de cidadãos interna e externamente, além de colocar em situação de calamidade mais de metade da população sudanesa.

Cabe aos senhores delegados, como membros do Conselho de Segurança, compreender o papel de tal silenciamento e negligência como fator decisivo para o agravamento da crise estabelecida na República do Sudão. Vale ressaltar a necessidade de avaliar como a comunidade internacional pode vir a interferir no conflito para mitigar suas sequelas para os civis que são, sem dúvidas, os mais afetados pela guerra.

O Sudão, desde a sua independência, nunca teve de fato um governo democrático. Um dos principais responsáveis pela presente conjuntura é Omar al-Bashir, que governou o país por três décadas após tomar o poder durante a Segunda Guerra Civil e foi responsável por organizar as milícias Janjaweed nas Forças de Apoio Rápido (RSF), com o objetivo de sufocar os grupos rebeldes que passaram a combater o governo em 2003 em Darfur. Seguidamente a morte de mais de 300 mil pessoas na região, Bashir foi acusado de genocídio e crimes de guerra pelo Tribunal Penal Internacional.

Foi também durante o governo de Omar al-Bashir que ocorreu a independência do Sudão do Sul, depois de décadas de guerras e conflitos entre a região norte - de maioria islâmica - e sul - de maioria cristã e animista. Desde então, as relações entre os dois Estados são bastante conflituosas e hostis - sendo o petróleo do sul uma das principais questões -, nas quais os dois lados trocam constantemente acusações e denúncias.

Após meses de protestos populares, Bashir foi deposto e um governo de transição foi instaurado no Sudão, que inicialmente tinha esperança de ser liderado por um regime democrático. Entretanto, em 25 de outubro de 2021, o general Abdel Fattah al-Burhan declarou estado de emergência no país depois de prender o primeiro-ministro Abdalla Hamdok e outros membros do governo sudanês e desfazer o conselho que liderava o Sudão.

Hamdok, diplomata que trabalhou para a ONU e foi nomeado para comandar o governo interino depois da deposição de al-Bashir, não encontrava apoio nas forças militares sudanesas e chegou a sofrer uma tentativa de golpe em setembro de 2021, porém o movimento foi controlado.

No dia do golpe que transformou Burhan em presidente, o acesso à internet foi cortado no país e Cartum foi ocupada por militares e paramilitares que bloquearam rodovias, pontes e o aeroporto. Sete civis foram mortos e dezenas saíram feridos, e diversas sanções foram impostas ao Sudão.

Ademais, a proposta de Burhan de integrar as Forças de Apoio Rápido ao Exército sudanês em abril de 2023 foi um importante fator para aumentar as tensões entre os dois grupos, que se concretizaram no dia 15, após o comandante das RSF criticar o regime do presidente e os dois grupos trocarem acusações de ataques às bases uns dos outros. A União Africana e a ONU clamaram por um cessar-fogo imediato devido a intensa violência nos combates em Cartum entre as partes da guerra.

É, também, de grande importância ressaltar que os crimes de guerra e violações do Direito Internacional decorrentes da atuação dos dois lados do conflito são as maiores ameaças à integridade e dignidade do povo sudanês, visto o massacre ocorrido em Darfur ainda durante o governo de Omar al-Bashir. Com isso, a influência das Forças Armadas do Sudão e das Forças de Apoio Rápido na política do país deve ser levada em conta durante as discussões, para que sejam encontradas soluções a curto e longo prazo viáveis e correspondentes com a realidade sudanesa.

É necessário que os senhores estejam cientes de que a atual situação tem raízes nas disputas de poder entre os grupos envolvidos.

Em conclusão, cabe aos excelentíssimos delegados analisar o contexto do Sudão e debater para, assim, encontrar resoluções com o objetivo de guiar o Estado sudanês para o controle da situação e estabilidade política, lembrando que a população civil é quem mais sofre e que se trata de seres humanos, e não apenas números. As resoluções encontradas devem dialogar com os direitos humanos e com a soberania estatal - princípio descrito na Carta das Nações Unidas de 1945.

Por fim, faz-se necessário destacar que **o marco temporal do comitê é o dia 21 de agosto de 2024**. Portanto, não serão considerados fatos ou documentos posteriores a essa data.



## 8. Posicionamento do jornal

Criado em 2003, o jornal “Sudan Tribune” é um jornal independente não lucrativo, baseado em Paris, França, mas com toda sua equipe de jornalistas e editores de origem sudanesa. O principal foco do jornal é seu website, apesar de também possuir um canal no Youtube e uma comunidade no Facebook.

No que tange ao tema do comitê, o Sudan Tribune deseja o fim do conflito, de forma diplomática e humana. Assim, acaba tendendo a uma posição de apoio ao Sudão, desconfiando de intervenções estrangeiras, não por descrença ou escárnio, mas por defenderem que representantes da União Europeia se deixaram enganar quanto à verdade do início do conflito, e que a UNITAMS não cumpriu o seu papel de manter a paz no Sudão.

Dessa forma, o Sudan Tribune possui críticas às intervenções estrangeiras, especialmente as capitaneadas pela ONU, mas não as rejeita completamente. Ademais, continua noticiando e criticando a negligência internacional frente às condições de vida atuais dos sudaneses (violência, fome, refugiados, cortes de energia, entre outros).

## **9. Panorama dos países**

### **9.1. República do Sudão**

Antes mesmo de se tornar uma nação, o Sudão já era acometido por conflitos, estabelecendo o precedente de instabilidade de segurança, política e econômica que se tornaria o padrão. Por isso, assim como outras ex-colônias em território africano, instâncias internacionais relacionam de forma direta a instabilidade sudanesa à colonização britânica, gerando ressalva e ressentimento no Governo Sudanês contra países que realizaram a colonização, especificamente o Reino Unido.

As críticas sudanesas contra os agentes ocidentais também incluem os embargos econômicos e militares realizados pelos Estados Unidos, que abalaram a economia do Sudão e o isolaram geopoliticamente na comunidade internacional. Além disso, este isolamento aproximou Cartum do Kremlin, que ofereceu extenso apoio econômico e diplomático ao longo dos anos. As missões organizadas pela ONU também são alvos de críticas, devido a sua percebida ineficiência em solucionar ou conter os problemas em território sudanês.

Além disso, o país africano também fortemente criticou o Conselho de Segurança por não discursar sobre as agressões dos Emirados Árabes Unidos e a intervenção britânica, preferindo debater sobre o Sudão em geral e ignorar os tópicos anteriores.

Outro ponto causador de constante discordância entre Cartum e a comunidade internacional é a suposta influência do Grupo Wagner no território sudanês. Segundo os jornais CNN e BBC, os mercenários russos estão presentes no país desde 2017, e atualmente possuem conexões com os dois lados do conflito, buscando os lucros provenientes das minas de ouro do país. Entretanto, o governo de Omar al-Bashir negou veementemente a presença da organização no Sudão.

Em relação ao Golpe de 2021, as Forças Armadas defendem que ele era necessário para transicionar para um governo democrático, já que, graças às disputas internas dos partidos, o processo estava sendo atrasado

e se tornava iminente a ameaça de uma guerra civil. Contudo, as Forças Armadas se comprometeram a manter a comunicação com todas forças políticas do Sudão, prometendo aderir à Constituição. A comunidade internacional fortemente criticou esse “retrocesso”, iniciando uma série de sanções ou suspensões das ajudas financeiras, ações que foram criticadas por Cartum como imposição dos valores ocidentais e extremamente danosas para a população.

Acerca do conflito que iniciou em 2023, as Forças Armadas mantém as acusações de ter iniciado o conflito sobre a RSF, condenando a comunidade internacional de não responsabilizar o suficiente a organização paramilitar. Um exemplo disso é a comunicação da Autoridade Intergovernamental para o Desenvolvimento (Intergovernmental Authority for Development, IGAD) com o líder das Forças de Suporte.

## **9.2. Estados Unidos da América:**

As relações diplomáticas dos Estados Unidos com o Sudão iniciaram em 1956, a partir do reconhecimento estadunidense da independência da ex-colônia britânica.

Inicialmente, os EUA mantiveram apoio consistente à nova nação. Não apenas estabeleceram relações de compra e auxílio econômico, como também enviaram tropas e diplomatas para auxiliar na mediação para o acordo de paz da Primeira e da Segunda Guerra Civil Sudanesa.

No entanto, após o financiamento dos Janjaweed pelo Governo de Al-Bashir e por abrigar Osama Bin Laden, o Sudão foi posto na Lista de Estados Financiadores do Terrorismo, recebendo diversos embargos por parte da potência norte-americana. O Sudão acusa essas medidas de enfraquecer o tímido crescimento econômico do país, contribuindo para sua instabilidade e violência, só tendo saído da lista por completo em 2020.

Contudo, Washington voltou a recorrer às sanções e embargos após o golpe de 2021, o qual veementemente condenou, chegando a congelar o envio de \$700 milhões de dólares. Dessa vez, as sanções se voltaram à Polícia da Reserva Central do Sudão (Sudan's Central Reserve Police, CRP) sob a acusação de abusos aos direitos humanos, incluindo repressão contra protestantes, prisões arbitrárias, torturas, entre outros, acusações que são veementemente negadas pelo Governo do Sudão. Porém, os EUA se colocam veementemente contra a RSF, tendo, inclusive, imposto sanções econômicas sobre Hemedti e outros nomes de relevância da RSF.

No que se refere ao conflito de 2023, Washington clama por seu fim, argumentando que os civis sudaneses merecem um governo democrático e prometendo impor custos às entidades que estão instigando o combate e auxiliar em missões capitaneadas pela ONU. Após o início do conflito, a equipe diplomática estadunidense foi retirada de Cartum, afastando ainda mais os dois países. O diplomata estadunidense Tom Perriello

Finalmente, referente à crise humanitária que assola o Sudão, os Estados Unidos lamentam as ocorrências, participando das reuniões para clamar por seu fim. Também condenam a obstrução de auxílio humanitário de ambas as partes, novamente colocando sanções e embargos sobre as entidades.

### **9.3. República Francesa:**

A França iniciou suas relações diplomáticas com o Sudão no mesmo ano em que este declarou sua independência. Porém, graças ao golpe militar de Al-Bashir e os embargos impostos pelos EUA e seus aliados, as relações bilaterais entre os dois países esfriaram e só foram revitalizadas após a retirada de Al-Bashir em 2019. Aliás, a França condecorou esta revolução sudanesa, comemorando a saída do país de uma ditadura e a caminhada para uma democracia.

No entanto, as relações econômicas entre as duas nações deixam a desejar. A cada ano que se passa, existe uma diminuição do comércio

bilateral entre os países, com o Sudão sendo um dos parceiros menos expressivos da França, e com diversos bancos franceses tendo ressalvas em realizar negócios ou transações relacionadas ao país africano.

Paris fortemente criticou o golpe de 2021, reiterando que “o apoio francês é diretamente baseado na perspectiva de transição para um democraticamente eleito governo civil”. Na época, o presidente Macron fortemente pressionou as Forças Armadas para libertar o primeiro-ministro Abdalla Hamdok. Por conta disso, alguns aspectos das relações França-Sudão foram suspensos, especialmente o perdão da dívida econômica sudanesa.

Apesar disso, a assistência à população civil se intensificou, incluindo as missões capitaneadas pela ONU e organizações não governamentais internacionais.

Referente ao conflito de 2023, a França expressou o pesar pelo seu início e roga por seu fim. Paris culpabiliza e, portanto, está sancionando, tanto a RSF quanto as Forças Armadas, destacando a importância da mediação e auxílio internacional, apoiando completamente os esforços do TPI e a missão de investigação estabelecida pelo Conselho de Direitos Humanos Das Nações Unidas. Mostra-se preocupada, também, sobre a presença e envolvimento do Grupo Wagner na região, afirmando que este impede as possibilidades de paz.

Por fim, a República Francesa condena as mortes de civis, a fome, os refugiados e toda a crise humanitária, exigindo que ambas as partes permitam a entrada de ajuda humanitária nas regiões mais afetadas. Afirma-se, assim, completamente em apoio à população sudanesa.

#### **9.4. Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte**

As relações entre o Reino Unido e o Sudão datam de 1881, quando os dois países travaram uma batalha na Guerra Mahdista. De 1899 a 1956, o Sudão foi dominado pelo Reino Unido e pelo Egito (Regra de Condomínio ou Regra Anglo-Egípcia) e, em 1955 proclamou a sua independência, que foi reconhecida pela coroa britânica.

Após a independência, os sudaneses passaram a favorecer a criação de laços com outros países em detrimento da manutenção das relações com os britânicos. Ademais, o governo do Sudão, frente a crescente crise no Sul, afirmava que as políticas coloniais britânicas eram uma das motivações da guerra. Desde então, as relações entre os dois Estados têm sido marcadas por diversos altos e baixos, sendo muitas vezes cortadas e posteriormente retomadas.

Mantendo-se próximo do Sudão por razões históricas, juntamente aos seus parceiros da Conjunta Troika (composta pelos Estados Unidos da América, Noruega e Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte) o Reino Unido apoiou fortemente o processo de paz mediado pela Autoridade Intergovernamental para o Desenvolvimento, que resultou no fim do conflito entre o governo sudanês e o EPLS.

Na conjuntura do conflito de Darfur em 2003, o primeiro-ministro da época Gordon Brown fez um apelo por um cessar-fogo e discursou a favor da paz na Assembleia Geral das Nações Unidas, e ameaçou sancionar qualquer uma das partes do conflito que impedisse o envio de assistência humanitária e/ou continuasse assassinando civis. Omar al-Bashir exigiu uma retratação pública de Brown, que voltou a ameaçar impor novas sanções ao Sudão.

A respeito da atual guerra iniciada em 2023, o Reino Unido afirmou que os combates possuem todas as marcas de uma limpeza étnica - assim como ocorreu em Darfur -, e sancionou economicamente empresas que apoiam as RSF ou SAF. Suas principais prioridades são auxiliar os cidadãos britânicos residentes no Sudão, trabalhar com seus parceiros Troika e Quad (Estados Unidos, Emirados Árabes Unidos e Arábia Saudita) para mediar um cessar-fogo e garantir que o apoio humanitário seja devidamente entregue aos necessitados, contribuindo com cerca de 250 milhões de libras nos últimos cinco anos.

## 9.5. República Popular da China

As relações entre a China e o Sudão datam de 1959, quando o Sudão reconheceu formalmente a existência da República Popular da China. As relações econômicas bilaterais entre os dois países, contudo, só iniciaram-se na década de 1970 - um intenso período de atividade industrial no Sudão, sobretudo em áreas de extração de petróleo e mineração.

Pequim, adotando a doutrina da soberania - visando diferenciar-se das intervenções ocidentais -, constantemente encoraja as partes sudanesas a encontrarem soluções endógenas para os conflitos e parece se preocupar em “cortejar” o Sudão, visto que quando os Estados Unidos o colocaram na lista de acusações de terrorismo em 1993, a China investiu pesadamente no setor petrolífero sudanês.

Durante o governo de Omar al-Bashir, a China o considerava um importante aliado e procurava manter relações estáveis com Cartum. Em 2018, Bashir foi convidado por Xi Jinping para o Fórum de Cooperação China-África, juntamente com diversos líderes africanos, onde lhe foi prometido o apoio incondicional chinês em relação ao mandado de prisão do Tribunal Penal Internacional e no qual a Pequim reforçou a doutrina da soberania ao citar que nenhum agente externo tem o direito de intervir nos assuntos de um Estado.

Após o golpe que depôs Omar al-Bashir em 2019, a China tem tido uma influência limitada no Sudão, visto que os órgãos que assumiram o controle da política sudanesa muitas vezes a excluíram das tomadas de decisão. Logo, a China tem adotado uma política de “esperar para ver” e uma enorme cautela em relação ao futuro do Sudão, estando muitas vezes ausente nos acordos e mediações de paz.

Em relação à explosão dos conflitos em abril de 2023, a China adotou uma política neutra e de monitoramento do conflito, sempre reiterando a soberania sudanesa, porém sem mediar nenhum tipo de acordo ou cessar-fogo. Logo no início dos confrontos em Cartum, a

embaixada chinesa rapidamente evacuou seus cidadãos e diplomatas do Sudão.

## **9.6. Federação Russa**

Assim como o restante do P5, as relações diplomáticas entre as nações se iniciou no mesmo ano que o Sudão declarou independência, apesar de que, em 1956, não era Rússia, mas sim, União Soviética.

As relações bilaterais entre as nações sempre foram, na maior parte do tempo, harmoniosas. Além dos encontros constantes entre Ministros de Relações Exteriores e Chefes de Estados, a Rússia realiza pesados investimentos econômicos - especialmente quando se considera os embargos impostos pelos Estados Unidos - nos mais variados setores do Sudão, destacando-se os investimentos em mineração, uso do subsolo, energia, comunicação. Contudo, sendo tais relações bilaterais, o Sudão importa equipamentos militares e armas do país europeu, até mesmo quando o país africano estava sob embargo da ONU.

Em 2020, em troca de relações bilaterais e maiores arsenais, o Sudão permitiu o estabelecimento de uma base naval russa em seu território por, pelo menos, 25 anos. Moscou defende que a base naval auxiliaria na construção de paz e estabilização da região, sem foco a nenhuma entidade alvo, enquanto algumas entidades da comunidade internacional acusam a Rússia de criar pontos navais estratégicos.

Referente ao golpe de 2021, o Kremlin foi um dos poucos apoiadores das Forças Armadas, afirmando que a demonização do exército era majoritariamente interferência externa e recusando a chamar a “troca de poder” de golpe de Estado. Esse apoio se estendeu até mesmo ao Conselho de Segurança, quando a Rússia vetou uma resolução que condenava a troca de poder, e o RSF (que, à época, ainda estava vinculado ao Governo), que recebeu investimentos russos.



Porém, a comunidade internacional fortemente critica o envolvimento russo na situação do Sudão. Relacionando o Grupo Wagner, que apoia o RSF, ao Governo, que mantém o argumento que o Grupo é de caráter privado, a Rússia recebe diversas acusações de inflamar o conflito por interesses próprios.

Os Estados Unidos acusam o grupo de atacar minas perto da fronteira sudanesa com a República Centro Africana e a França se mostra preocupada que a presença do grupo seja apenas uma tentativa russa de aumentar suas influências.

Por fim, quanto ao conflito de 2023, a Rússia expressou formalmente tristeza pelo combate entre as duas forças militares, oferecendo apoio diplomático para mediação, sendo um dos poucos países que não retiraram seus diplomatas de Cartum.

## **9.7. Japão**

O Japão passou a estabelecer relações diplomáticas bilaterais com a República do Sudão em janeiro de 1956, logo após a independência sudanesa, passando a constantemente importar o petróleo sudanês e exportar automóveis para o Sudão.

O país se posicionou veementemente contra as violações de direitos humanos ocorridas nas guerras sudanesas entre as décadas de 1980 e 1990, cortando a assistência prestada ao Sudão (exceto ajuda humanitária e emergencial). Entretanto, o Japão expandiu a ajuda humanitária para além da sua assistência por meio de organizações internacionais após a assinatura do Amplo Tratado de Paz em 2005.

O Japão tem se posicionado contra qualquer tipo de violência cometida pelas partes do conflito - sancionando o Sudão em 1996 e em 2006 por violar os direitos humanos -, clamando a todos os intervenientes para que cessem imediatamente a violência e aliando-se ao Grupo dos

Sete e outros Estados com ideologias semelhantes para apoiar os esforços sudaneses para garantir a transição para um governo civil em Cartum.

### **9.8. Confederação Suíça:**

As relações entre o Sudão e a Suíça são recentes e ainda não foram muito bem desenvolvidas. Apesar disso, a Confederação Suíça teve um papel ativo na assinatura do cessar-fogo entre o ELPS e Cartum.

Ademais, em 2002 foi assinado no país o Acordo de Paz dos Montes Nuba, marcando a política suíça de peacebuilding no Sudão. O acordo teve um importante papel para abrir os caminhos que, em 2005, levaram à assinatura do CPA.

Desde a separação do Sudão do Sul 2011 e o golpe de Estado que depôs Omar al-Bashir em 2019, a Suíça tem reiterado seu compromisso em enviar ajuda humanitária às regiões mais afetadas pelos conflitos, sobretudo Darfur.

Por fim, a Confederação Suíça vem adotando uma política neutra em relação aos conflitos sudaneses, sempre focando em preservar os direitos dos civis.

### **9.9. República Federativa do Brasil**

O relacionamento entre o Brasil e o Sudão teve início em 2004, com a abertura de uma embaixada sudanesa em Brasília. Desde então, os dois países estão lentamente caminhando para um processo de fortalecimento dos laços.

Quanto aos conflitos sudaneses, a República Federativa do Brasil tem adotado uma postura de monitoramento da guerra, sempre condenando os ataques à população civil por qualquer uma das partes envolvidas.

Em 2006, o Brasil absteve-se de uma votação que visava exigir investigações sobre o ocorrido em Darfur, possuindo uma leve tendência a apoiar al-Bashir. Entretanto, a partir de 2009 passou a votar contra os

interesses sudaneses devido ao mandato de prisão do Tribunal Penal Internacional para o presidente do Sudão na época.

Em 2010, os países assinaram um acordo para facilitar as relações econômicas e o Brasil enviou cerca de 500 mil dólares em assistência humanitária para combater a mortalidade infantil e incentivar os agricultores familiares em Darfur.

Atualmente, itamaraty mantém-se relativamente neutra entre as partes do conflito, sempre reiterando a importância do papel do Conselho de Paz e Segurança da União Africana (CPSUA), da Autoridade Intergovernamental de Desenvolvimento, da Liga Árabe e do Conselho de Segurança das Nações Unidas para chegar a um cessar-fogo definitivo.

### **9.10. República do Sudão do Sul**

Tendo em vista que o Sudão do Sul é uma antiga região do Sudão, com uma separação relativamente recente, as relações entre ambos os países são complexas. Por conta das diferentes formas de colonização, o nível de desenvolvimento e aproximação cultural entre as duas regiões era extremamente distante, o que gerou as duas Guerras Civis Sudanesas, só ocorrendo a separação oficialmente em 2011.

O CPA, por mais que tenha organizado o processo da secessão, não foi específico em diversos pontos, abrindo espaço para diversas discordâncias e tensões entre os países. Um dos pontos foi a autoridade sob as regiões de Abyei, Kordofan e Nilo Azul, que eram, teoricamente, regiões do Sudão, mas que eram lar e foram refúgio de soldados e guerrilheiros da SPLA, aproximando as populações regionais do Sudão do Sul. No período que antecedeu a separação, chegou a acontecer conflitos armados nas regiões entre o Exército e grupos guerrilheiros, sendo preciso mediação internacional para abrandar as tensões, que não foram resolvidas, assim como as questões fronteiriças. Assim, a presença de soldados sul-sudaneses em Abyei foi entendida pela comunidade internacional como uma quebra do acordo de 2011.

Outro ponto de desacordo entre as duas regiões se refere às reservas de petróleo. Apesar da maior parte das reservas ter recaído sob jurisdição do Sudão do Sul, este ainda não possui a economia ou infraestrutura para exportar sozinho o petróleo, sendo preciso utilizar canos que passam pelo Sudão para o porto do Mar Vermelho, também localizado em território sudanês. Por isso, o Conflito do Sudão preocupa autoridades sul-sudanesas, que temem o colapso de sua economia.

No entanto, as relações diplomáticas entre os países são relativamente sólidas. O tratado que levou ao fim do conflito de Darfur, o JPA, foi negociado e assinado em Juba, capital do Sudão do Sul, mediado pelo presidente sul-sudanês Salva Kiir. Assim, Jubá continua oferecendo seu auxílio diplomático para mediar o conflito entre SAF e RSF.

### **9.11. República de Moçambique**

As relações bilaterais entre Moçambique e o Sudão tiveram início em abril de 1976, entre a Primeira e a Segunda Guerra Civil Sudanesa. Desde então, os dois países não têm mantido relações extremamente significativas.

Moçambique alinha-se fortemente ao posicionamento adotado pela União Africana para tratar do conflito. Em abril de 2023, por meio de Gana e Gabão em um posicionamento no Conselho de Segurança, Maputo apelou por um cessar-fogo entre as RSF e SAF, visando uma resolução pacífica que respeite a soberania, independência e integridade do território sudanês, sempre colocando como prioridade os civis afetados pela guerra.

Maputo é veementemente contra qualquer intervenção externa que possa complicar o processo de transição para um governo democrático, constitucionalista e defensor do Estado de Direito no Sudão.

## 9.12. Emirados Árabes Unidos:

As relações bilaterais entre os Emirados Árabes Unidos e o Sudão tiveram início em dezembro de 1971, no final da Primeira Guerra Civil Sudanesa.

Entretanto, desde o início da guerra entre as Forças de Apoio Rápido e as Forças Armadas Sudanesas, os Emirados Árabes Unidos enfrentam sérias acusações de envolvimento no conflito por meio do financiamento das RSF, visando obter controle dos lucros provenientes das minas de ouro sudanesas - tais acusações são feitas, sobretudo, por Cartum e Washington. Segundo o embaixador dos EAU na ONU ao Conselho de Segurança, Abu Dhabi rejeita toda e qualquer insinuação de apoio armado, logístico, militar ou diplomático a qualquer grupo armado no Sudão.

Após relatórios da ONU, compilados pelo Conselho de Segurança, citarem que há “provas credíveis” de que os EAU enviaram armas para as RSF a partir de Amdjarass, região ao norte do Chade que faz fronteira com o Sudão, um representante dos Emirados afirmou que o país não toma partido no conflito atual e que pede consistentemente à desescalada, a um cessar-fogo sustentável e ao início dos diálogos diplomáticos, reiterando que enviaram 122 aviões com ajuda humanitária para os refugiados sudaneses em Amdjarass.

Em abril de 2024, o Conselho de Segurança se reuniu para discutir uma queixa formal apresentada pelo Sudão à ONU contra os Emirados Árabes Unidos, alegando atos de agressão e solicitando a responsabilização legal e criminal do país pelo suposto apoio às RSF, acusadas de crimes de guerra e contra a humanidade. Em resposta, o Ministério dos Negócios Estrangeiros dos EAU emitiu uma declaração na qual pedia que as partes do conflito cessassem as hostilidades e retomassem as negociações, condenando os crimes de guerra e as violações dos direitos dos civis.

Logo, a pressão da comunidade e da mídia internacional em cima dos Emirados Árabes Unidos é constante e clama para que o país encerre

suas relações com as Forças de Apoio Rápido e Hemedti, as quais são veementemente negadas por Abu Dhabi.

### **9.13. Reino da Árabia Saudita**

As relações diplomáticas entre o Reino da Árabia Saudita e a República do Sudão não possuem um claro início oficial, mas declarações, investimentos e envolvimento sauditas recorrentemente aparecem na história do Sudão, desde o Governo de Omar Al-Bashir e ocorrendo uma aproximação maior desde então. Especialmente investimentos na área da educação e compra de petróleo sudanês.

Por isso, a Árabia Saudita expressou condolências pelo início do conflito em 2023, oferecendo-se para mediar entre as Forças Armadas e Forças de Apoio Rápido em seu território, mais especificamente na cidade de Jeddah. E assim o fez, em conjunto com os Estados Unidos: apenas cinco dias após o início do conflito, a SAF e a RSF assinaram uma “declaração de princípios”, prometendo acabar com a ocupação de casas privadas, remover suas forças de propriedades públicas e privadas, implementar recursos para prover proteção a civis e médicos, facilitar o auxílio humanitário aos necessitados, e, por fim, prometia também evitar torturas, desaparecimentos forçados, violência sexual e recrutamento de crianças soldados. Contudo, essa declaração não acabou com o conflito e todas as promessas das partes do conflito se mostraram, para comunidade internacional, nulas, já que relatórios e depoimentos indicam a ocorrência dos atos destacados na declaração.

Ademais, por mais que Riad tenha apoiado oficialmente a negociação e a diplomacia, o Sudan Tribune indicou a existência de vídeos de soldados da RSF comemorando o treinamento militar em território saudita em maio de 2024. Oficiais e figuras religiosas teceram críticas nas redes sociais, desagradando o Reino da Árabia Saudita pela “linguagem ofensiva e que não representa de forma verossímil a relação entre os países”. Assim, criou-se uma tensão atípica entre a Árabia Saudita e o Sudão.

#### **9.14. República da Coreia**

As relações bilaterais entre a República da Coreia e a República do Sudão foram estabelecidas oficialmente apenas em 1977, iniciando-se de forma lenta, mas sendo incentivadas pela descoberta de petróleo em território sudanês.

A descoberta de petróleo provocou um aprofundamento das relações bilaterais: não apenas a Coreia se tornou um dos maiores importadores do petróleo sudanês, juntamente de alguns produtos agrícolas, o Sudão passou a receber diversos produtos tecnológicos, como carros, dispositivos eletrônicos, máquinas industriais, entre outros. Contudo, o apoio sul-coreano excedia apenas os meios materiais, graças a programas da Agência de Cooperação Internacional da Coreia (Korea International Cooperation Agency, KOICA), os quais procuravam auxiliar Centros Vocacionais, campanhas contra epidemias, prover possibilidades de intercâmbio para jovens sudaneses em território coreano e, por fim, facilitar as relações diplomáticas entre os Ministérios de Exteriores. Além disso, a Coreia expressou felicidade e esperança que haveria uma estabilização para o Sudão quando este foi retirado da lista de financiadores de terrorismo.

Por sua vez, referente ao Conflito de 2023, Seoul expressou pesar pelo seu início e pela quantidade de fatalidades civis, apelando para as entidades do conflito que abajassem as armas imediatamente e se voltassem para uma solução política. A Coreia também foi um dos países que realizou a retirada não apenas de seus diplomatas e militares, mas também de seus civis do Sudão.

O país asiático expressou grandes preocupações acerca da crise humanitária, especificamente a falta de acesso que organizações internacionais têm em levar auxílio. Juntamente do Japão, a Coreia fez coro aos avisos da fome que se materializa no país, também se oferecendo a participar desses auxílios de forma monetária.

### **9.15. República do Equador**

Em virtude das diferenças regionais e da falta de laços históricos ou econômicos profundos, as interações entre o Equador e o Sudão são limitadas, ocorrendo, sobretudo, em contextos multilaterais. Cumpre ressaltar que, tradicionalmente, o país subsidia esforços internacionais para a promoção da paz e segurança, além de tender a adotar uma postura de neutralidade no tocante a conflitos distantes.

Interessa, ainda, pontuar que o Equador tem uma posição favorável aos direitos humanos e pode apoiar resoluções que visem melhorar a situação humanitária do país, objeto da discussão.

A República do Equador enfatiza constantemente que a comunidade internacional não pode permanecer passiva, especialmente porque ataques à infraestrutura civil crítica são uma violação do direito humanitário internacional. Por sua vez, todas as partes devem permitir a criação de um corredor humanitário e o Conselho de Segurança deve usar todas as ferramentas à sua disposição.

### **9.16. República Cooperativa da Guiana**

Tanto o Sudão quanto a Guiana integram diversas organizações internacionais, como as Nações Unidas e o Grupo dos 77 (G77), nos quais podem interagir e colaborar em questões de interesse comum, como direitos humanos, paz e segurança.

Quanto à política externa do país em questão, possui como uma premissa a cessação da violência, de modo a apresentar um latente alinhamento com a posição da parcela majoritária da comunidade internacional, que busca uma solução pacífica para o conflito e a estabilização da região.

A Guiana condena o uso da fome de civis como método de guerra, defendendo a liberação de operações transfronteiriças. Por isso, defende que o acesso humanitário rápido, seguro e desimpedido em todo o Sudão



deve ser permitido e facilitado por todas as partes para permitir intervenções que salvam vidas. Isso deve incluir acesso transfronteiriço e transfronteiriço. Obstáculos burocráticos e administrativos para atores humanitários devem ser removidos.

### **9.17. República da Serra Leoa**

As relações bilaterais entre Serra Leoa e Sudão não possuem uma data exata de início. Os dois países mantêm poucas relações comerciais, sem valores de importação e exportação significativos. Entretanto, durante uma coletiva de imprensa do Conselho de Segurança em abril de 2024, o representante de Serra Leoa na ONU reiterou que as prioridades do país no Conselho são prevenir conflitos e promover peacekeeping e peacemaking.

A República da Serra Leoa compartilha algumas similaridades históricas com o Sudão, tal como a colonização britânica até meados da década de 60 e 50, respectivamente.

Ademais, Serra Leoa adota uma postura neutra, sempre afirmando que a guerra sudanesa deve ter um cessar-fogo endógeno e demonstrando seu apoio às missões das Nações Unidas. Ademais, condenou as interferências externas que, ao invés de promover a paz, aumentam a instabilidade local. Assim, no atual conflito, defende uma iniciativa de paz protagonizada pelos sudaneses para o fim das hostilidades.

### **9.18. República da Eslovênia**

As relações diplomáticas entre Eslovênia e Sudão não são significativas, mantendo pouquíssimas relações comerciais, sem valores relevantes de importação e exportação. O maior destaque que recebe as relações entre tais países é o auxílio realizado, maior parte de modo financeiro, por parte da Eslovênia para o Sudão desde 2010.

Em 2020, a Eslovênia participou de uma conferência realizada pela Alemanha em cooperação com a União Europeia. O então Secretário de Estado Tone Kajzer destacou a importância das reformas democráticas e reiterou a necessidade de se respeitar os direitos humanos e cooperar com o Tribunal Penal Internacional para se alcançar uma paz duradoura no país.

Referente ao conflito, no encontro do Conselho próximo ao aniversário do conflito, a Eslovênia condenou a continuação da guerra. Destacou que os civis são os que carregam o maior sofrimento, preocupando-se de que, quanto mais persistir os embates, mais desafiadora será a recuperação e reconciliação. Dessa forma, Liubliana foi um dos membros do Conselho que fortemente apoiou os pedidos de armistício do Secretário-Geral da ONU durante o Ramadã, desejando por uma resolução pacífica e diplomática.

Considerando o maior fardo dos civis, não apenas a Eslovênia também condenou a falta de acesso ao auxílio humanitário, desde 2023 ela realiza doações para fundos humanitários ao Sudão. Em Junho de 2023, os fundos foram de 300 mil euros.

### **9.19. Federação de Malta:**

As relações entre Malta e o Sudão são, em grande parte, obscuras, incluindo seu início, que não possui uma data oficial. E, por mais que tenha registros dos encontros entre os Ministros de Relações Exteriores, não são relações significativas para nenhum dos países.

O golpe de 2021 foi condenado pela União Europeia, a qual Malta faz parte, além da exigência pela “rápida liberação” da liderança civil. O conflito de 2023, contudo, recebeu uma declaração mais única de Malta: Valeta fortemente condenou o conflito, ecoando os pedidos do Secretário-Geral que ambas as partes cessassem hostilidades e retornassem para o diálogo, entendido pelo país como a única resolução possível para o conflito, para voltar ao caminho da transição para um governo civil.

Ademais, o país também lamentou todos os ataques contra civis, trabalhadores médicos e humanitários e funcionários diplomáticos. Dessa forma, Malta lembrou as partes do conflito de suas obrigações de seguir o Direito Internacional Humanitário e de garantir acesso humanitário a todos os civis de forma rápida e segura. Assim, o país europeu se reafirmou a favor da população sudanesa.

É preciso destacar, também, que Malta recebe refugiados sudaneses para prover asilo e proteção desde 2018. Contudo, a demora para se receber ou ser negado para o asilo podem demorar anos e sem a possibilidade de se reconectar com a família, causando, de acordo com o jornal Times Malta, sofrimento psicológico.

### **9.20. Reino Democrática e Popular da Argélia:**

As relações diplomáticas entre a Argélia e o Sudão não têm data oficial de início, mas é sabido que as relações esfriaram graças ao suposto envolvimento sudanês na Guerra Civil Argelina e no apoio argelino na Secessão do Sudão do Sul.

Contudo, a reaproximação dos países aconteceu em 2019, já que ambos os países realizaram Revoluções que retiraram ditadores de longa-data do poder. Assim, não apenas os países estavam em uma posição sócio-política semelhante, alguns ideais de democracia permeavam ambos os governos. A reaproximação também gerou acordos econômicos bilaterais, negociando a relação de troca e de investimentos entre ambos os países.

Dessa forma, o presidente argelino, Abdelmadjid Tebboune, afirmou o seu apoio, por meio de sua atuação dentro do Conselho de Segurança, ao Sudão para “superar as difíceis circunstâncias e confrontar as forças malignas que procuram desestabilizar o país”. Contudo, por meio de uma declaração em conjunto com o Grupo A3 +, Alger declarou o desejo por uma resolução diplomática e pacífica, sendo um dos países que apelou pelo armistício durante o Ramadã.

## **9.21. República Árabe do Egito:**

As relações entre o Egito e o Sudão são extremamente antigas e nem sempre foram harmoniosas, considerando que o Egito foi um dos colonizadores do Sudão. Apesar disso, as relações entre esses dois países sempre foram relativamente estáveis, com uma troca comercial estável - sendo o Sudão um dos maiores importadores de produtos egípcios - e um bom repertório diplomático, com a maioria dos desacordos entre as duas nações por vias diplomáticas.

Sobre o golpe de 2021, Cairo apelou para todas as partes da nação irmã que exercessem autocontrole e responsabilidade para priorizar o bem-estar do país e o acordo nacional. Assim, Cairo foi um dos poucos países que não imediatamente criticou e sancionou o Sudão, oferecendo-se, por meio do líder de Inteligência Egípcia, para se encontrar e negociar com a coalizão democrática para auxiliar na construção de um governo democrático.

Contudo, o conflito de 2023 preocupou muito mais as autoridades egípcias, por diversos motivos. Primeiramente, por conta de ser fronteiro ao Sudão, há um grande número de refugiados que estão se direcionando ao Egito, de forma legal e ilegal, especialmente as áreas do Grande Cairo, Alexandria e Damietta, pressionando a economia, política e infraestrutura do país, já fragilizada por questões econômicas internas. Além disso, o conflito entre as Forças Armadas e as Forças Rápidas abriu espaço para a invasão de grupos paramilitares, rebeldes e traficantes de armas e pessoas no Egito, que respondeu com uma pesada militarização da região fronteira.

Por mais que o Egito esteja esperançoso, e tenha se oferecido para auxiliar junto com a comunidade internacional, por uma resolução diplomática entre Al-Burhan e Hemedti, o presidente egípcio Abdul Al-Sisi expressou a preferência que Hemedti não seja o agente vencedor deste conflito. As relações entre Al-Sisi e Al-Burhan são mais próximas, já que os chefes de Estado já resolveram problemas em conjunto.

Contudo, de acordo com o Washington Post, o Egito tomou uma atitude controversa aos olhos da comunidade internacional. Tal atitude foi o suposto envio de poderosos drones militares para o exército sudanês, juntamente do treinamento de soldados em solo egípcio para se dirigir os drones, contrariando os apelos internacionais para paz, incluindo apelos dos Estados Unidos, aliado próximo do Egito. Assim, o Egito se encontra em uma posição delicada e de apoio à nação irmã, também lamentando a ocorrência da crise humanitária do Sudão.

## **9.22. República Federal da Alemanha:**

As relações entre a República Federal da Alemanha e a República do Sudão iniciaram após a independência do Sudão, sendo a Alemanha o quarto maior poder da época a reconhecer a nova nação. No entanto, pode-se dizer que as relações são instáveis, tendo sofrido ondulações graças a atitudes políticas realizadas pela potência europeia, tais como: o apoio alemão a Israel no conflito contra árabes, e a posição alemã sobre os desenvolvimentos políticos no Sudão desde 1989, caracterizado pelo conservadorismo e ligação com as políticas dos Estados Unidos. Todavia, a Alemanha também apoiou a escrita do CPA, sendo uma de suas testemunhas oficiais.

As relações econômicas entre os países é bastante positiva, caracterizada pela exportação de suprimentos e serviços alemães valiosos, apesar de um baixo volume. Os maiores projetos que possuem participação alemã são a expansão de telecomunicações no Sudão e a construção de usinas elétricas, além do interesse de empresas para participar de serviços de engenharia para o Governo Sudanês.

Sobre a Revolução de 2019, Berlim apoiou a retirada de Al-Bashir e a caminhada para um governo democrático, se envolvendo com o objetivo de auxiliar o processo. Assim, na Conferência de Parceria do Sudão, que procurava prover apoio político e financeiro para a transição, a Alemanha mobilizou 1.8 bilhões de dólares estadunidenses, se tornou parte do esforço internacional de alívio da dívida e, por fim, relançou a cooperação

bilateral de desenvolvimento. Contudo, o apoio da Alemanha foi retirado perante o golpe militar de 2021. Não apenas Berlim publicamente condenou o golpe, como também suspendeu seu apoio, tanto na esfera bilateral intergovernamental quanto na esfera multilateral.

Referente ao Conflito de 2023, por sua vez, a Alemanha o condenou e no mesmo dia do conflito, fechou a embaixada alemã em solo sudanês. A Ministra de Relações Exteriores, Annalena Baerbock, declarou que uma maior pressão deve ser posta sobre ambos os lados do conflito para encontrar um caminho para a solução diplomática, expressando, também, que “o conflito no Sudão não deve se tornar uma crise esquecida”.

Contudo, a Alemanha mantém o apoio em relação à crise humanitária. Apenas em 2023, Berlim reuniu 250 milhões de euros para assistência humanitária tanto para o Sudão, quanto para países fronteiriços, que estavam recebendo refugiados. No aniversário de um ano do conflito, diplomatas europeus se encontraram na França para financiar e debater sobre a crise no Sudão, encontro no qual a Alemanha proveu 244 milhões de euros. Dessa forma, o país europeu se mostra disposto a continuar debatendo sobre a situação geral do Sudão e a auxiliar na crise humanitária.

### **9.23. República Centro-Africana:**

As relações entre a República Centro Africana (RCA) e o Sudão se iniciaram em 1962, não sendo abalados muito profundamente até os dias atuais. O maior abalo a tais relações se refere ao suposto apoio aos rebeldes centro-africanos União das Forças Democráticas para a Unidade (Union des Forces Démocratiques pour le Rassemblement, UFDR) pelo Sudão. Além disso, os rebeldes do SPLA também entenderam a República como território seguro nos períodos de seca, desagradando as forças armadas, que também utilizam o território da RCA para atacar os rebeldes.

Em 2023, o Sudão, mais especificamente Hemedti, chefe da RSF, afirmou ter fechado a fronteira com a RCA para evitar a transição de um

grupo rebelde sudanês não especificado para território centro-africano, impedindo, dessa forma, uma tentativa de golpe de Estado. Bangui e a comunidade internacional, no entanto, negou que a intenção desse bloqueio foi altruísta, com a suspeita de que Cartum

Referente ao conflito entre a RSF e a SAF, a RCA se colocou em uma postura de neutralidade, não se colocando a favor de nenhum dos lados do conflito. Assim, reafirmou a tristeza no início do conflito. Entretanto, Bangui e a comunidade internacional carregam a preocupação do embate sudanês se alastrar pelas fronteiras para a RCA, ameaçando a frágil instabilidade do país. Aliás, a estabilidade da RCA já está em risco, já que aumentaram as movimentações de grupos armados, o tráfico de armas e munições e, o mais preocupante, refugiados fugindo do Sudão. O Alto-comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR) já emitiu a necessidade do apoio internacional para auxiliar os refugiados em solo centro-africano.

Ademais, especialistas da ONU acusaram as forças paramilitares sudanesas de utilizar a RCA como “cadeia de suprimentos”. Isto é, existe a preocupação que as Forças de Suporte Rápido, graças ao fácil acesso que possuem, de estarem recrutando grupos paramilitares da RCA, não apenas envolvendo outros países nesse conflito delicado, mas também fragilizando a segurança centro-africana

#### **9.24. República do Quênia:**

Considerando que, assim como o Sudão, o Quênia também foi colonizado pelo Reino Unido e que chegou a existir um plano de separar a parte mais sul do Sudão (atualmente o Sudão do Sul) e acoplar com a colônia do Quênia. Pode-se afirmar, portanto, que a aproximação entre essas duas nações se inicia antes mesmo de se tornarem nações propriamente ditas. Contudo, tais relações podem ser categorizadas como instáveis, já que atitudes políticas do Quênia desagradaram o Sudão.

Durante a Guerra Civil Sudanesa, a capital do Quênia, Nairóbi, foi considerada como o quartel general pelos membros do Movimento

Popular de Liberação das Sudanesas, criando ressentimento por parte do Sudão. A reaproximação ocorreu apenas em 1996, quando o então Presidente Queniano Daniel Arap Moi tomou um papel de liderança no processo de paz no Sudão apoiado pelo IGAD, sendo enxergado por Cartum como neutro. No entanto, em 2011, um tribunal queniano emitiu um mandado de prisão contra o então Presidente Omar Al-Bashir, sobre os supostos crimes de guerra em Darfur, após a visita do Presidente em desafio ao mandado internacional emitido pelo TPI, novamente afastando os países.

Referente ao conflito, o Primeiro Secretário de Gabinete e Secretário de Gabinete para Assuntos Estrangeiros e Diáspora, Dr. Musalia Mudavadi, defendeu o compromisso em ajudar uma resolução pacífica ao conflito do Sudão, apoiando as sanções internacionais sobre as entidades que estiverem inflamando o conflito por interesses próprios. Além disso, insistiu em um armistício imediato e na abertura de todas as fronteiras para garantir a entrega de auxílio humanitário para a população.

Contudo, o Sudão declarou que as ações do Quênia são a favor do RSF, não do Sudão em geral. Como argumento sudanês, tem-se a visita de Hemedti e a recepção oficial do Governo Queniano e, como protesto, o Ministério das Relações Exteriores do Sudão retirou o seu diplomata de Addis Ababa.

### **9.25. República Democrática Federal da Etiópia:**

As relações entre a Etiópia e o Sudão são antigas, quase que anciãs, só sendo oficializadas na década de 1960, alguns anos após a independência sudanesa. Assim, os países possuem diversos pontos em comum, como o significado de seus nomes.

Contudo, a disputa centenária pela região de El Fashaga, fronteira aos dois países e de terras agrícolas e férteis, gerou uma tensão e afastamento entre os países. Após décadas de discordâncias, mediações interrompidas por revoluções e guerras civis, em 2007 um acordo assinado por Al-Bashir e Primeiro Ministro Meles Zenawi, que definia que



cidadãos Sudaneses e Etíopes poderiam cultivar a terra, concordando em uma demarcação formal em uma data posterior não definida. Assim se fez até a retirada de Al-Bashir em 2019, já que as Forças Armadas começaram a ocupar e se aproximar da região, chegando a expulsar os fazendeiros etíopes no final de 2020.

Como resposta, tropas etíopes foram enviadas para a região, iniciando-se uma lista de acusações: Cartum acusa soldados etíopes de emboscar tropas sudanesas, ocasionando a morte de 4 e ferindo 20; Addis Ababa acusa o exército sudanês havia "organizado ataques com artilharia pesada" e que "muitos civis morreram e ficaram feridos". Tal conflito também envolveu o Egito, a favor do Sudão, e a Eritreia, apoiando a Etiópia.

A Ministra de Assuntos Exteriores da Etiópia, Dina Mufti, criticou as Forças Armadas por violarem o Direito Internacional de forma inaceitável e contraproducente. Reiterou, ainda, que paz e respeito continuam sendo prioridade para a Etiópia, mas que ela também tem limites.

Dessa forma, essa tensão sobre a região de El Fashaga reacendeu a discordância sobre a construção da infame Grande Barragem Renascença Etíope (Grand Ethiopian Renaissance Dam, GERD) no Nilo Azul, já que há diversas discordâncias entre os países envolvidos sobre o curso do rio.

Referente ao conflito de 2023, o atual Primeiro-Ministro Etíope Abiy Ahmed, procurou se manter imparcial e contribuiu com esforços dos líderes da Autoridade Intergovernamental para o Desenvolvimento para mediar as partes do conflito, além de evitar as disputas territoriais. Porém, tais esforços não foram bem vistos pelo regime militar do Sudão, que entendeu a neutralidade como simpatia à RSF.

É também importante destacar que a Etiópia, por conta de estar fronteira ao Sudão, é um dos países que mais está recebendo refugiados sudaneses, recebendo até mesmo auxílio da ONU para construir um acampamento, somando mais de 47 mil refugiados.

## 10. Considerações Finais

Após a leitura do guia, nós, diretores de mesa, esperamos que todos os 25 delegados sejam capazes de analisar criticamente a situação no Sudão, levando em conta as diversas versões e possibilidades de resolução do conflito, para que possam debater e chegar a um projeto de resolução viável para o país.

No Conselho de Segurança - único comitê mandatário das Nações Unidas -, os representantes dos Estados-membros devem sempre ter em mente que estão lidando com formas e alternativas de intervenção que irão afetar diretamente vidas humanas. Sendo assim, a formação de alianças entre os países é imprescindível para o bom andamento da simulação, sendo tão importante quanto a dominação do conteúdo individualmente por cada delegado.

Ademais, vale ressaltar que, devido ao funcionamento do comitê - composto pelos cinco membros permanentes com poder de veto (China, Estados Unidos, França, Reino Unido e Rússia), dez rotativos e dez convidados -, nem todas as delegações possuem o poder de voto no debate.

Por fim, é necessário que todos os participantes dominem o conteúdo a ser tratado no Conselho e a política externa dos países que irão representar. Os delegados devem buscar informações além do guia de estudos, que servirá somente como uma introdução ao estudo da temática, e devem sempre visar a sustentação das suas falas por meio de bons argumentos.

Nós da mesa diretora e conselheira estamos sempre disponíveis para sanar quaisquer dúvidas que possam aparecer ao decorrer da simulação e desejamos que seja um processo memorável para todos.

Com carinho,

Alex Leony, Beatriz Costa, Gabriel Andrade e Luísa Fadigas

## 11. Referências

<https://www.nationalgeographicbrasil.com/historia/2023/10/o-que-e-o-conselho-de-seguranca-da-onu-e-como-ele-funciona>

<https://www.politize.com.br/conselho-de-seguranca-da-onu/>

<https://www.unicef.org/brazil/carta-das-nacoes-unidas>

<https://peacekeeping.un.org/en/terminology>

<https://www.unmissions.org>

<https://peacekeeping.un.org/sites/default/files/a4p-factsheet-challenges.pdf>

Guia de Estudos do CSNU, V ONU Colegial, 2022

<https://www.icrc.org/pt/document/colombia-dez-perguntas-sobre-acordos-de-paz-acordos-especiais-e-dih>

<https://www.wise-geek.com/what-is-a-peace-treaty.htm>

<https://www.icrc.org/pt/document/colombia-dez-perguntas-sobre-acordos-de-paz-acordos-especiais-e-dih>

<https://unamid.unmissions.org/unamid-mandate>

[https://unitams-unmissions-org.translate.google/en?\\_x\\_tr\\_sl=en&\\_x\\_tr\\_tl=pt&\\_x\\_tr\\_hl=pt-BR&\\_x\\_tr\\_pto=sc](https://unitams-unmissions-org.translate.google/en?_x_tr_sl=en&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt-BR&_x_tr_pto=sc)

<https://www.aljazeera.com/news/2023/12/2/security-council-agrees-to-terminate-un-mission-in-sudan>

<https://noticias.r7.com/internacional/quem-foi-dmitry-utkin-braco-direito-d-e-prigozhin-que-tambem-morreu-na-queda-do-aviao-23082023/>

<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2023/06/entenda-o-que-e-o-grupo-wagner-de-mercenarios-que-atuam-na-guerra-da-ucrania.shtml>

[https://origins.osu.edu/article/sudan-darfur-al-bashir-colonial-protest?language\\_content\\_entity=en#:~:text=The%20UK%20and%20Egypt%20ruled,and%20militarily%20subordinate%20to%20Britain](https://origins.osu.edu/article/sudan-darfur-al-bashir-colonial-protest?language_content_entity=en#:~:text=The%20UK%20and%20Egypt%20ruled,and%20militarily%20subordinate%20to%20Britain)

[https://www.google.com/url?sa=i&url=https%3A%2F%2Fwww.researchgate.net%2Ffigure%2FMap-of-Darfur-and-Sudan-Data-source-GADM-database-of-Global-Administrative-Areas\\_fig1\\_287545351&psig=AOvVaw0RJDJRiIFrNbcyq3wiYCUz&ust=1717126537021000&source=images&cd=vfe&opi=89978449&ved=OCBIQjRxqFwoTCICP-v24tIYDFQAAAAAdAAAAABAE](https://www.google.com/url?sa=i&url=https%3A%2F%2Fwww.researchgate.net%2Ffigure%2FMap-of-Darfur-and-Sudan-Data-source-GADM-database-of-Global-Administrative-Areas_fig1_287545351&psig=AOvVaw0RJDJRiIFrNbcyq3wiYCUz&ust=1717126537021000&source=images&cd=vfe&opi=89978449&ved=OCBIQjRxqFwoTCICP-v24tIYDFQAAAAAdAAAAABAE)

[https://funag.gov.br/biblioteca-nova/produto/loc\\_pdf/941/1/sudao](https://funag.gov.br/biblioteca-nova/produto/loc_pdf/941/1/sudao)

<https://www.britannica.com/place/Anglo-Egyptian-Condominium>

<https://memorialdademocracia.com.br/africa/sd>

<https://repositorio.isced-huila.ed.ao/bitstream/20.500.14190/231/1/Estevão%20ONunes%20Martins-Trabalho%20de%20Licenciatura%20de%20História.pdf>

<https://www.britannica.com/place/Sudan/Conflict-in-Darfur>

<https://news.un.org/pt/story/2020/12/1737612>

<https://peacemaker.un.org/node/535>

<https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/moncoes/article/view/10264/5763>

<https://www.idea.int/sites/default/files/2023-12/darfur-dialouge-from-war-to-peace-coexistence-and-stability.pdf>

<https://peacekeeping.un.org/en/mission/past/unmis/>

<https://reliefweb.int/organization/unmis>

<https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/moncoes/article/view/10264/5763>

<https://www.britannica.com/place/Sudan/The-growth-of-national-consciousness>

<https://www.voaafrica.com/a/timeline-sudan-unrest-post-2021/7051889.html>

<https://www.linkedin.com/company/sudan-tribune>

<https://www.icrc.org/pt/doc/war-and-law/treaties-customary-law/geneva-conventions/overview-geneva-conventions.htm>

<https://www.icrc.org/pt/doc/resources/documents/misc/5tndew.htm>

<https://www.icrc.org/pt/doc/resources/documents/misc/5yblal.htm>

<https://www.icrc.org/pt/doc/resources/documents/misc/5yblc9.htm>

<https://www.icrc.org/pt/doc/resources/documents/misc/5yblcz.htm>

<https://www.dw.com/pt-002/acordo-de-combate-a-minas-antipessoais-completa-20-anos-com-novos-desafios/a-41647207>

<https://sapa-usa.org/sudan-civil-war/#:~:text=The%20southern%20regions%2C%20feeling%20marginalized,the%20south%2C%20temporarily%20quelling%20hostilities.>

<https://www.iberdrola.com/compromisso-social/crises-humanitarias-causas-efeitos-solucoes#:~:text=O%20QUE%20%3%89%20UMA%20CRISE,ou%20epidemias%20e%20emerg%C3%Aancias%20sanit%C3%A1rias.>

<https://www.gov.br/mre/pt-br/delbrasonu/temas-juridicos/tribunal-penal-internacional#:~:text=O%20Tribunal%20Penal%20Internacional%20>

The Comprehensive Peace Agreement between The Government of The Republic of Sudan and The Sudan People's Liberation Movement/Sudan People's Liberation Army

<https://carnegieendowment.org/research/2011/01/the-comprehensive-peace-agreement?lang=en>

<https://www.idea.int/publications/catalogue/juba-agreement-peace-sudan>

<https://www.nytimes.com/2020/08/31/world/africa/sudan-peace-agreement-darfur.html>

<https://sudantribune.com/article267167/>

[https://sudantribune.com/article278401/#google\\_vignette](https://sudantribune.com/article278401/#google_vignette)

<https://www.google.com/url?q=https://sudantribune.com/article286218/&sa=D&source=docs&ust=1717390384987738&usg=AOvVaw1z5PSYHfo2SJgy0vmHzH2y>

<https://www.state.gov/countries-areas/sudan/>

<https://www.state.gov/state-sponsors-of-terrorism/>

<https://www.bis.doc.gov/index.php/documents/pdfs/2709-sudan-ssot-rescission-faqs/file>

<https://www.state.gov/the-united-states-sanctions-security-forces-in-sudan-for-serious-human-rights-abuses/>

<https://www.state.gov/u-s-measures-in-response-to-the-crisis-in-sudan/>

<https://www.state.gov/sanctioning-sudanese-rapid-support-forces-commanders/>

<https://edition.cnn.com/2023/04/22/politics/us-diplomatic-personnel-sudan/index.html>

<https://www.govinfo.gov/content/pkg/FR-1997-11-05/pdf/97-29464.pdf>

<https://www.state.gov/u-s-relations-with-south-sudan/>

[https://ofac.treasury.gov/sanctions-programs-and-country-information/sudan-and-darfur-sanctions#:~:text=Accordingly%2C%20Sudan%20is%20no%20longer,Act%20of%202000%20\(22%20U.S.C.](https://ofac.treasury.gov/sanctions-programs-and-country-information/sudan-and-darfur-sanctions#:~:text=Accordingly%2C%20Sudan%20is%20no%20longer,Act%20of%202000%20(22%20U.S.C.)

[https://sudan.mid.ru/en/dvustoronnie\\_otnosheniya/](https://sudan.mid.ru/en/dvustoronnie_otnosheniya/)

<https://sudantribune.com/article286105/>

<https://apnews.com/article/sergey-lavrov-sudan-khartoum-democracy-d4f7bf339184b705f88c6bc685f36376>

<https://www.csis.org/analysis/how-does-conflict-sudan-affect-russia-and-wagner-group>

<https://www.globalsecurity.org/military/world/sudan/forrel-su.htm>

<https://hrf.org/russias-influence-in-sudan/>

<https://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/1551053/Russia-and-China-break-Darfur-arms-embargo.html>

<https://apnews.com/article/international-news-sudan-moscow-africa-russia-0e1932a384bba427e13e590a4ac7a1f8>

<https://ecfr.eu/article/khartoums-autocratic-enabler-russia-in-sudan/>

<https://www.diplomatie.gouv.fr/en/country-files/sudan/france-and-sudan-65140/>

<https://www.rfi.fr/en/africa/20230416-france-joins-world-leaders-in-voicing-concern-over-fighting-in-sudan>

<https://onu.delegfrance.org/sudan-france-will-continue-to-stand-by-the-people-of-sudan>

<https://www.dabangasudan.org/en/all-news/article/military-coup-has-cost-sudan-4-4-bn-in-suspended-aid>

<https://www.diplomatie.gouv.fr/en/country-files/sudan/news/article/sudan-france-strongly-condemns-the-ongoing-fighting-in-sudan-between-the>

<https://www.france24.com/en/africa/20211025-live-sudan-s-armed-forces-detain-pm-hamdok-for-refusing-to-join-coup>

<https://www.chathamhouse.org/2021/11/reversing-military-coup-sudan>

<https://www.reuters.com/world/africa/french-president-macron-calls-immediate-release-sudan-prime-minister-2021-10-25/>

[https://www.diplomatie.gouv.fr/en/country-files/sudan/news/article/sudan-france-strongly-condemns-the-ongoing-fighting-in-sudan-between-the#:~:text=News-,Sudan%20-%20France%20strongly%20condemns%20the%20ongoing%20fighting%20in%20Sudan%20between,Support%20Forces%20\(17%20november%202023\)&text=France%20is%20deeply%20concerned%20by,the%20ensuing%20escalation%20of%20violence.](https://www.diplomatie.gouv.fr/en/country-files/sudan/news/article/sudan-france-strongly-condemns-the-ongoing-fighting-in-sudan-between-the#:~:text=News-,Sudan%20-%20France%20strongly%20condemns%20the%20ongoing%20fighting%20in%20Sudan%20between,Support%20Forces%20(17%20november%202023)&text=France%20is%20deeply%20concerned%20by,the%20ensuing%20escalation%20of%20violence.)

<https://uk.ambafrance.org/France-and-partners-call-for-peaceful-resolution-of-Sudan-conflict>

<https://www.al-monitor.com/originals/2023/04/france-alarmed-over-wagners-role-sudan-russia-expands-africa>

<https://www.aljazeera.com/news/2023/4/16/sudan-unrest-what-is-the-rapid-support-forces>

<https://www.britannica.com/topic/Janjaweed>

<https://www.aljazeera.com/features/2024/1/20/we-cannot-trust-the-janjaweed-sudans-capital-ravaged-by-rsf-rule>

[http://un.china-mission.gov.cn/eng/hyyfy/200803/t20080313\\_8399192.htm#:~:text=China%20has%20actively%20worked%20for,the%20political%20process%20in%20Darfur.](http://un.china-mission.gov.cn/eng/hyyfy/200803/t20080313_8399192.htm#:~:text=China%20has%20actively%20worked%20for,the%20political%20process%20in%20Darfur.)

<https://www.interregional.com/article/Chinese-Anticipation:1803/En>

<https://www.gov.uk/government/news/uk-sanctions-businesses-funding-sudan-war-15-april-2024>

<https://commonslibrary.parliament.uk/research-briefings/cbp-9778/>

<https://www.eda.admin.ch/eda/en/fdfa/representations-and-travel-advice/sudan/switzerland-sudan.html>

<https://www.gov.br/mre/en/contact-us/press-area/press-releases/aggravation-of-the-humanitarian-situation-in-sudan>



<https://www.gov.br/mre/en/contact-us/press-area/press-releases/situation-in-sudan-2>

[https://www.mofa.go.jp/press/release/press6e\\_000455.html](https://www.mofa.go.jp/press/release/press6e_000455.html)

[https://www.jica.go.jp/Resource/project/english/sudan/001/materials/c8h0vm00007vrgs5-att/interview\\_01.pdf](https://www.jica.go.jp/Resource/project/english/sudan/001/materials/c8h0vm00007vrgs5-att/interview_01.pdf)

<https://www.mofa.go.jp/region/africa/sudan/data.html>

[https://www.voanews.com/a/africa\\_sudan-welcomes-us-decision-remove-khartoum-sponsors-terrorism-list/6199599.html](https://www.voanews.com/a/africa_sudan-welcomes-us-decision-remove-khartoum-sponsors-terrorism-list/6199599.html)

<https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2023/08/23/entenda-o-que-e-o-grupo-wagner-organizacao-de-mercenarios-de-guerra-liderada-por-prigojin.ghtml>

<https://www.bbc.com/portuguese/articles/c25dyyjp090o>

<https://www.dw.com/en/russias-wagner-group-where-is-it-active/a-66027220>

<https://abcnews.go.com/International/wagner-groups-rebellion-putin-unfolded/story?id=100373557>

<https://www.dw.com/en/the-complex-alliances-shaping-sudans-conflict/a-65515892>

<https://edition.cnn.com/2023/04/20/africa/wagner-sudan-russia-libya-intl/index.html#:~:text=Exclusive%3A%20Evidence%20emerges%20of%20Russia's%20Wagner%20arming%20militia%20leader%20battling%20Sudan's%20army,-By%20Nima%20Elbagir&text=The%20Russian%20mercenary%20group%20Wagner,diplomatic%20sources%20have%20told%20CNN.>

<https://www.bbc.com/news/world-africa-65328165>

<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2022/01/02/primeiro-ministro-do-sudao-renuncia-em-meio-a-crise-aberta-por-golpe-militar.ghtml>

<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/10/25/sudao-entenda-o-golpe-militar-no-3o-maior-pais-da-africa.ghtml>

<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/10/25/sudao-primeiro-ministro-abdalla-hamdok.ghtml>

<https://www.aa.com.tr/en/africa/sudans-army-chief-promises-to-adhere-to-constitutional-document/2422831>

<https://www.crisisgroup.org/africa/horn-africa/south-sudan/south-sudan-edge-its-neighbours-war-disrupts-oil-exports>

<https://www.usip.org/publications/2023/04/whats-behind-fighting-sudan>

<https://www.aljazeera.com/news/2024/4/11/why-did-war-break-out-in-sudan-a-year-ago-where-does-it-currently-stand>

<https://www.rescue.org/article/fighting-sudan-what-you-need-know-about-crisis>

<https://reliefweb.int/report/sudan/sudan-clashes-between-saf-and-rsf-flash-update-no-12-14-may-2023-enar>

<https://reliefweb.int/report/sudan/sudan-clashes-between-saf-and-rsf-flash-update-no-14-28-may-2023-enar>

<https://www.barrons.com/news/us-envoy-eyes-sudan-talks-resuming-after-ramadan-ffde4ac7>

<https://www.rescue.org/article/fighting-sudan-what-you-need-know-about-crisis>

<http://bigkarta.ru/pt/mapa-sudao.htm>

[https://www.mofa.go.kr/eng/nation/m\\_4902/view.do?seq=174](https://www.mofa.go.kr/eng/nation/m_4902/view.do?seq=174)

<https://www.aljazeera.com/news/2022/10/26/one-killed-on-sudan-anti-coup-protest-anniversary>

<https://www.cfr.org/blog/sudans-coup-one-year-later>

<https://edition.cnn.com/2021/10/25/africa/sudan-coup-explained-intl-cmd/index.html>

<https://suna-sd.net/posts/sudan-and-south-korea-steps-to-more-closer-relationships>

<https://www.dbpia.co.kr/Journal/articleDetail?nodeId=NODE01424803>

<https://press.un.org/en/2024/sc15634.doc.htm>

<https://www.reuters.com/world/africa/skorea-sends-plane-djibouti-await-sudan-evacuation-2023-04-21/>

<https://www.aljazeera.com/news/2021/10/26/sudans-army-chief-defends-militarys-seizure-of-power>

[https://www.mofa.go.kr/eng/brd/m\\_5674/view.do?seq=320360&page=1](https://www.mofa.go.kr/eng/brd/m_5674/view.do?seq=320360&page=1)

[https://www.mofa.go.kr/eng/brd/m\\_5674/view.do?seq=320800&page=1](https://www.mofa.go.kr/eng/brd/m_5674/view.do?seq=320800&page=1)

<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/veja-o-ranking-completo-de-todos-os-paises-por-idh/>

<https://www.msf.org.br/noticias/o-sudao-enfrenta-uma-das-piores-criises-que-o-mundo-ja-viu-em-decadas/>

<https://disasterphilanthropy.org/disasters/sudan-humanitarian-crisis/#:~:text=As%20the%20civil%20war%20enters,war%20began%20in%20April%202023>

<https://reports.unocha.org/en/country/sudan/>

<https://www.bbc.com/news/world-africa-68374316>

<https://www.government.nl/latest/news/2024/04/15/threat-of-food-crisis-in-sudan-potentially-the-biggest-famine-in-decades>

Gabon, Ghana & Mozambique on Sudan - Security Council Media Stakeout  
(April 17th 2023)

<https://www.reuters.com/world/africa/us-appeals-uae-others-stop-support-sudans-warring-parties-2024-04-29/>

<https://adf-magazine.com/2024/01/uae-role-in-sudans-civil-war-draws-criticism/>

<https://www.newarab.com/analysis/why-us-unable-restrain-uae-sudan>

<https://sudantribune.com/article284991/>

<https://www.state.gov/translations/portuguese/crimes-de-guerra-crimes-contra-a-humanidadee-determinacao-da-limpeza-etnica-no-sudao/>

<https://www.gazetadopovo.com.br/mundo/sudao-diz-que-paramilitares-realizaram-uma-limpeza-etnica-em-darfur/#:~:text=O%20atual%20governo%20do%20Sudão,no%20estado%20de%20Darfur%20Occidental>

<https://www.aljazeera.com/news/2021/10/25/world-leaders-react-to-sudan-arrests>

<https://www.unhcr.org/eg/about-us/refugee-context-in-egypt#:~:text=Refugees%20and%20asylum-seekers%20live,East%20parts%20of%20the%20country.>

<https://www.washingtoninstitute.org/policy-analysis/egypts-approach-conflict-sudan-simmering-crisis>

<https://www.wsj.com/world/africa/ignoring-u-s-calls-for-peace-egypt-delivered-drones-to-sudans-military-6f7fdcd4>

[https://figshare.mq.edu.au/articles/thesis/A\\_study\\_on\\_the\\_relations\\_between\\_Egypt\\_and\\_Sudan\\_1899-2011\\_/24330958](https://figshare.mq.edu.au/articles/thesis/A_study_on_the_relations_between_Egypt_and_Sudan_1899-2011_/24330958)

<https://sudantribune.com/article269030/>

<https://www.wsj.com/world/africa/ignoring-u-s-calls-for-peace-egypt-delivered-drones-to-sudans-military-6f7fdcd4>

<https://www.wilsoncenter.org/article/algeria-and-sudan-sidelining-military-during-second-wave-arab-spring>

<https://www.mfa.gov.dz/diplomacy/group-a3-algeria-welcomes-adoption-of-security-council-ceasefire-resolution-in-sudan>

<https://sudantribune.com/article281743/>

<https://www.newarab.com/news/algeria-stands-sudan-amid-war-tebboune-tells-al-burhan>

<https://www.sudanembassy.de/index.php/ct-menu-item-14/ct-menu-item-16>

<https://www.auswaertiges-amt.de/en/aussenpolitik/laenderinformationen/sudan-node/sudan/229134>

<https://www.dw.com/en/sudan-german-foreign-minister-demands-solution-to-conflict/a-68071988>

<https://www.theguardian.com/world/2016/jan/12/sudan-siding-with-saudi-arabia-long-term-ally-iran>

<https://www.theguardian.com/commentisfree/2019/may/05/saudi-arabia-sudan-uprising-omar-al-bashir>

<https://www.aljazeera.com/news/2023/5/15/analysis-saudi-arabias-diplomatic-energy-soft-power-in-sudan>

<https://sudantribune.com/article285279/>

<https://sudantribune.com/article55434/>

[https://missionsforeign.gov.mt/en/Embassies/Pr\\_New\\_York/UNSCStatements/20230425%20Sudan%20MALTA%20Statement.pdf](https://missionsforeign.gov.mt/en/Embassies/Pr_New_York/UNSCStatements/20230425%20Sudan%20MALTA%20Statement.pdf)

<https://timesofmalta.com/article/more-330-sudanese-tried-fleeing-malta-irregularly-past-five-years.1074891>

<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/23311886.2023.2241264>

<https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2021/01/12/internacional,1228421/etiopia-e-sudao-tem-novas-tensoes-por-questao-fronteirica.shtml>

<https://www.crisisgroup.org/africa/horn-africa/ethiopia-sudan/containing-volatile-sudan-ethiopia-border-dispute>

<https://www.middleeasteye.net/news/sudan-ethiopia-fashaga-dispute-threatens-regional-stability>

<https://sudantribune.com/article285212/>

<https://www.bbc.com/news/world-africa-15918027>

<https://www.globalsecurity.org/military/world/sudan/forrel-1.htm>

[https://youtu.be/KYpiXqCFk7U?si=3UB8fPN23o\\_gR1Hg](https://youtu.be/KYpiXqCFk7U?si=3UB8fPN23o_gR1Hg)

<https://mfa.go.ke/wp-content/uploads/2024/04/PRESS-RELEASE-ON-SUDAN-CRISIS-CONFERENCE.pdf>

<https://www.globalsecurity.org/military/world/sudan/forrel-1.htm>

<https://www.aa.com.tr/en/africa/sudan-recalls-ambassador-to-kenya-in-protest-against-rsf-leader-s-visit/3100757>

<https://www.gov.si/en/news/2023-06-19-slovenia-allocates-humanitarian-aid-to-sudan/>

<https://www.gov.si/en/news/2024-04-15-state-secretary-announces-slovenias-new-contribution-at-donors-conference-for-sudan/>

<https://www.gov.si/en/news/2020-06-25-state-secretary-tone-kajzer-on-reform-process-in-sudan/>

<https://buildingtrust.si/the-bloodshed-in-sudan-must-end/>

[http://www.smallarmssurvey.org/files/portal/spotlight/sudan/Sudan\\_pdf/SIB%205%20CAR.pdf](http://www.smallarmssurvey.org/files/portal/spotlight/sudan/Sudan_pdf/SIB%205%20CAR.pdf)

<https://web.archive.org/web/20120531004930/http://www.diplomatie.gov.tn/index.php?id=357>

<https://www.marxists.org/portugues/tematica/1974/congresso-pcp/06.htm>

<https://www.msf.org.br/republica-centro-africana-10-anos-de-violencia/>

<https://adf-magazine.com/pt-pt/2023/02/sudao-afirma-ter-impedido-uma-tentativa-de-golpe-de-estado-na-rca/>

<https://www.acnur.org/portugues/2014/03/07/acnur-pede-apoio-para-intensificar-ajuda-a-refugiados-da-rca-e-sudao-do-sul/>

<https://www.jornaldeangola.ao/ao/noticias/angola-preocupada-com-as-implicacoes-da-crise-no-sudao-para-estabilidade-da-rca/>

<https://adf-magazine.com/pt-pt/2023/02/sudao-afirma-ter-impedido-uma-tentativa-de-golpe-de-estado-na-rca/>

<https://adf-magazine.com/2023/05/sudans-connections-with-car-chad-could-cause-conflict-to-spread/>

<https://www.voanews.com/a/un-experts-say-sudan-paramilitaries-are-recruiting-in-central-african-republic/7657034.html>

<https://www.aplusforpeace.ch/joint-statement-conflict-and-hunger-information-co-focal-points-sudan-delivered-guyana-behalf-guyana>

<https://www.africanews.com/2024/03/08/sudan-war-time-to-silence-the-guns-un-chief-says-ahead-of-vote-on-ramadan-truce/>

<https://press.un.org/en/2023/sc15409.doc.htm>



Este material é para uso exclusivo dos participantes inscritos no evento mencionado, sendo vedada a sua reprodução total ou parcial, de forma onerosa ou gratuita, sob pena de prática de violação de direito autoral passível de medidas judiciais cabíveis.